



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Íris Maria Silva

Mulheres e Agroecologia: Mãos camponesas que manejam, cuidam, lutam e transformam o Sertão do Araripe

Recife, PE

2024

Íris Maria Silva

Mulheres e Agroecologia: Mãos camponesas que manejam, cuidam, lutam e transformam o Sertão do Araripe

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Agroecologia

Orientador: Prof. Dr. José Nunes da Silva

Recife/PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586m Silva , Iris Maria
Mulheres e Agroecologia: Mãos camponesas que manejam, cuidam, lutam e transformam o Sertão do Araripe / Iris Maria Silva . - 2024.
59 f. : il.

Orientadora: Jose Nunes da
. Inclui referências e
anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, ,
Recife, 2024.

1. Araripe . 2. Camponesa. 3. Trajetória. I. , Jose Nunes da, orient. II. Título

CDD

Íris Maria Silva

Mulheres e Agroecologia: Mãos camponesas que manejam, cuidam, lutam e transformam
o Sertão do Araripe

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de [bacharela] e aprovado em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 05 de março de 2024.

Coordenação de Curso:

Prof.^a Dr^a Maria Virgínia de Almeida Aguiar

Banca examinadora

Prof. Dr. José Nunes da Silva.

(Orientador/BACEP-UFRPE)

Prof.^a Dr^a Ana Cláudia de Lima Silva

(BACEP-UFRPE)

Prof.^a Dr^a Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos

(BACEP-UFRPE)

Recife/PE, 2024.

Para Olindina Maria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e por ter proporcionado que fizesse parte dessa história tão linda que é o Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular – BACEP e por ter me dado forças para enfrentar todos os obstáculos para poder estar hoje realizando o sonho de ser graduada.

Agradeço a minha avó (in memoriam), pela sua grande força, o que permitiu o meu avanço, pelo carinho, afeto, dedicação e cuidado que me deu durante a minha vida, mesmo durante os momentos mais difíceis, sempre foi a minha fortaleza. Agradeço do fundo do meu coração!

A minha família e principalmente minha irmã Gislene de Jesus Silva, que mesmo distante foi capaz de suportar todos os meus momentos de estresse, de tristezas e que sempre me incentivou a continuar durante todo o processo. Tenho muita gratidão por fazer parte da minha vida.

Agradeço a todos os/as professores/as que me influenciaram na minha trajetória. Em especial ao professor José Nunes da Silva, meu orientador, com quem compartilhei minhas dúvidas e angústias a respeito do tema.

Aos coordenadores e coordenadora do CAATINGA, Paulo Pedro, Giovane Henrique e Irlânia Fernandes que me deram a oportunidade de estudar e trabalhar por terem a certeza de que a minha formação iria contribuir para a minha vida pessoal, como também para o desenvolvimento da instituição. Gratidão por serem pessoas tão humanas.

Agradeço a todas as meninas do grupo de mulheres Jurema que sempre me incentivaram e me fortaleceram para que eu continuasse firme mesmo diante de tantas dificuldades, gratidão às meninas.

A todos/as amigos/as de curso, grandes companheiros/as de caminhada. Em especial as brilhantes, amadas amigas e irmãs do grupo dos Sertões Caroline Alves, Samara Santana, Jaislânia Araújo, Tatiane Faustino, Sabrina Araújo e Soraya Araújo pelo apoio, carinho, amor e incentivo que me deram durante a trajetória do curso.

“Ensinar o povo a ver criticamente o mundo é sempre uma prática incômoda para os que fundam os seus poderes sobre a inocência dos explorados.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Apresento este Memorial com uma descrição da minha trajetória de vida pessoal e profissional até a chegada na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Nessa descrição trago, num primeiro momento, o meu eu camponesa, de mulher negra criada na comunidade Chapada do Tamboril, zona rural do Município de Ouricuri localizado no sertão do Araripe, no estado de Pernambuco/Brasil. Eu estudante desde a escola na zona rural até a chegada na Universidade. Eu profissional que trago as minhas experiências profissionais até hoje. Num segundo momento, venho trazendo toda minha trajetória durante os quatro anos de curso de Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular na Universidade Federal Rural de Pernambuco, em forma de linha do tempo, e assim trago os meus aprendizados e dificuldades nesse espaço. Diante de todos os aprendizados, escolhi um tema central que me aprofundei mais, que foi mulheres e agroecologia e dentro deste realizei um recorte para pensar sobre as mulheres e os manejos de agroecossistemas, bem como o papel das mulheres nos diferentes processos de comercialização. Para tratar desses temas busco dialogar com a bibliografia especializada da área de conhecimentos, referenciando os aprendizados dentro dessa temática. Em seguida apresento as considerações finais trazendo o que levo de aprendizados e quais são as perspectivas para o futuro profissional.

Palavras-chave: Araripe; Camponesa; Trajetória.

ABSTRACT

I present this Memorial in a description of my personal, professional life trajectory and until my arrival at the Federal Rural University of Pernambuco. In this description I bring my peasant self, raised in the Chapada do Tamboril community in the rural area of the Municipality of Ouricuri located in the hinterland of Araripe. I was a student from school in rural areas until I arrived at University. I am a professional who brings my professional experiences to this day. In another topic, I have been bringing my entire trajectory during the four years of the Bachelor's degree in Agroecology, peasantry and Popular Education at the Federal Rural University of Pernambuco in the form of a timeline and thus bringing my learnings and difficulties in this space. Presentation is in the form of a descriptive memorial as I just mentioned above. Given all the learnings, I chose two themes that I delved into more deeply, which were women and agroecology and inside I bring women and management and women and commercialization, where I bring quotes and learnings within this theme. And right after the final considerations, I bring what I learned and what the prospects are for my professional future.

Keywords: Araripe; Peasant; Trajectory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Pescadores/as de Tamandaré/PE.....	23
Figura 2– Implantação de Sistema Agroflorestal.....	34
Figura 3– SAF Implantado Pelo BACEP.....	35
Figura 4– Marcação de Curva de Nível.....	37
Figura 5– Barragem de Base Zero Concluída.....	38
Figura 6–EFA DOM Fragoso	43
Figura 7– Cartaz da Campanha pela a Divisão Justa dos Trabalhos.....	54
Figura 8- Momento de Preparação da Culminância do Semestre.....	59
Figura 9- Momento de Fortalecimento das Sertanejas.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA-Agroecologia	Associação Brasileira de Agroecologia
FETAPE	Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
CPT	Comissão Pastoral da Terra
BACEP	Bacharelado em Agroecologia Campesinato e Educação Popular
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
CAATINGA	Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas
PJMP	Pastoral da Juventude do Meio Popular
CEB'S	Comunidades Eclesiais de Base
FOJUPE	Fórum de Juventude de Pernambuco
FMA	Fórum de Mulheres do Araripe
RAMA	Rede Agroecológica da Mata Atlântica
CBA	Congresso Brasileiro de Agroecologia
SAF	Sistema Agroflorestal
BBZ	Barragem de Base Zero
EFA	Escola Família Agrícola
ESO	Estágio Supervisionado Obrigatório
ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
JCF	Jovens Construindo o Futuro
CTA-ZM	Centro de Tecnologia Alternativa- Zona da Mata

SUMÁRIO

1.1	EU IRIS MARIA: MULHER NEGRA, MILITANTE, ESTUDANTE E TRABALHADORA.....	16
	DESENVOLVIMENTO.....	21
2.1	RAÍZES E RESISTÊNCIA: A JORNADA DE ACADÊMICA E PESSOAL DE ÍRIS MARIA	21
2.1.1	1° SEMESTRE: CONHECER O ETNOAGROECOSSISTEMA.....	21
2.1.2	2° SEMESTRE: DIAGNÓSTICO DO ETNOAGROECOSSISTEMA.....	26
2.1.3	3° SEMESTRE: PLANEJAMENTO NO ETNOAGROECOSSISTEMA.....	30
2.1.4	4° SEMESTRE: PLANEJAMENTO E AÇÃO NO ETNOAGROECOSSISTEMA.....	32
2.1.5	5° SEMESTRE: ATUAÇÃO NO ETNOAGROECOSSISTEMA.....	33
2.1.6	6° SEMESTRE: ATUAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO NO ETNOAGROECOSSISTEMA	38
2.1.7	7° SEMESTRE: AVALIAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO NO ETNOAGROECOSSISTEMA.....	41
2.1.8	8° SEMESTRE: SISTEMATIZAÇÃO NO ETNOAGROECOSSISTEMA.....	44
3.	MULHERES.....	45
3.1	MULHERES E AGROECOLOGIA.....	46
3.2	MULHERES E AS DIFERENTES FORMAS DE MANEJO.....	47
3.3	MULHERES E COMERCIALIZAÇÃO.....	52
3.4	RELAÇÃO MULHERES E AGROEVOLÓGIA COM OS ESOs I E II.....	54
	CONCLUSÃO.....	57
	REFERÊNCIAS.....	61
	ANEXO A.....	63
	ANEXO B.....	69

INTRODUÇÃO

Para dar conta de detalhar essa trajetória e seus aprendizados e desafios, vivenciados no BACEP/UFRPE, este memorial está estruturado em quatro partes:

Na primeira parte descrevo um resumo da minha vida pessoal, meu eu camponesa, profissional e estudante até a chegada na universidade; Na segunda parte trago um pouco da trajetória durante os 4 anos de curso e os meus aprendizados onde tive como auxílio nessa construção os textos trazidos durante as aulas, mapas construídos no início do curso dos municípios, comunidades e agroecossistemas; sistematização realizada utilizando a metodologia do Trem das Aprendizagens, consultas ao material construído durante as culminâncias junto ao grupo dos Sertões; etc.

Na terceira, busco aprofundar os aprendizados sobre mulheres e agroecologia enfatizando dois subtemas, a saber: mulheres e as diferentes formas de manejo dos agroecossistemas e mulheres e as diferentes estratégias de comercialização. Por fim trago considerações finais comparando como cheguei e como estou saindo do curso de Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular, olhando para as perspectivas profissionais futuras.

1.1 Eu Iris Maria: Mulher negra, militante, estudante e trabalhadora.

Eu me chamo Iris Maria Silva, neta de Olindina Maria de Jesus e Pedro Cassimiro da Silva, avós maternos, e Alzenir Pereira Maria da Conceição e Francisco José de Assis, avós paternos, todas/os agricultores e agricultoras. Sou filha de Maria Irene da Silva e Valmir de Jesus Silva, nascida na cidade de São Miguel Paulista –

São Paulo. Aos dois anos de idade meus pais se separaram e fui trazida para a cidade de Ouricuri, em Pernambuco, especificamente para a comunidade rural Chapada do Tamboril, para ser criada com dona Olindina e seu Pedro, avós maternos. Cresci sempre na zona rural, comecei minha vida de estudos com sete anos de idade, que era a idade que as crianças da zona rural conseguiam serem matriculadas para estudar. Da primeira à quarta série estudei na Escola Municipal Antônia Marques Teixeira, localizada na comunidade vizinha, o sítio Cancelas, em uma

turma multisseriada com a professora Iremar Abel Torres (Meire). Na quinta série do fundamental houve uma grande mudança na minha vida, pois era a hora de me deslocar para estudar na cidade que fica a 12 quilômetros do Sítio e me adaptar à realidade da mesma.

Foi um período muito difícil pois nas primeiras horas do dia tinha que me deslocar, junto com meus primos e vizinhos, seis quilômetros a pé para pegar o ônibus e às 13 horas novamente fazer o mesmo percurso de volta pra casa. Esse período foi sofrido, uma menina negra vinda da zona rural estudar na cidade. Comecei a vivenciar o preconceito em forma de piadas com expressões como “você mora no mato?” “essa menina é do mato!”, mas desde cedo aprendi a ser resistente e com boas notas nas provas provei pra toda turma que quem morava na zona rural também poderia ser estudiosa.

Além dos preconceitos sofridos, ainda existia um grande agravante que era a situação financeira, não tinha dinheiro para comprar nada para comer na hora do lanche, restando somente a merenda escolar servida. Voltava para casa e somente depois das 13h conseguia me alimentar com a simples e gostosa comida que tinha em casa.

A melhor forma que encontrei para superar tudo isso foi ser uma das melhores alunas da sala de aula. Isso tudo aconteceu na Escola Estadual São Vicente de Paula, na zona urbana de Ouricuri/PE. Chegando o momento de estudar o ensino médio, tive que escolher entre estudar o magistério ou o ensino médio normal e dessa vez escolhi não ir pro magistério e fui para a escola Estadual Fernando Bezerra, onde concluí esse nível de ensino. Nesse período já comecei a trabalhar e estudar e foi outro período de decisões, pois tive que passar a estudar no turno da noite, porque trabalhava durante o dia.

A decisão de trabalhar foi para ajudar financeiramente em casa porque só existia o salário da minha avó Olindina que não estava sendo suficiente para todas as pessoas de casa. Então comecei a trabalhar em uma panificadora durante o dia e a noite indo estudar, morando na casa de um tio e sua família. Foi muito bom o apoio, por um período, e logo após percebi que precisava ter um lugar só para mim e assim aluguei uma casa pequena e fui morar sozinha mesmo sem ter móveis para

colocar dentro da casa. Veio a conclusão do Ensino Médio e depois dessa experiência de trabalho passei a trabalhar em outro local, uma Associação de Pessoas com Deficiência que me trouxe outros aprendizados. Nesse período o Instituto Federal do Sertão-IF Sertão/PE (Campus Ouricuri) estava começando a se instalar na cidade e era um sonho poder cursar agropecuária nesse IF. O desejo de continuar meus estudos era grande, já que não tinha ninguém formado na família.

Na região do Araripe só existia faculdade particular em uma cidade vizinha que ficava a quase uma hora de Ouricuri. A esperança era o Instituto Federal. Com a instalação do IF em Ouricuri eu fiz a seleção e consegui entrar na primeira turma de Agropecuária, uma conquista que desejava muito, mas só consegui cursar até o 4º período e mais uma vez tive que fazer uma escolha difícil, entre esse sonho de estar no IF e o outro sonho que era trabalhar na ONG Caatinga que desenvolve um importante trabalho com as famílias agricultoras da região do Araripe.

Fui convidada a fazer parte da equipe de técnicas para desenvolver um trabalho com implantação de tecnologias hídricas nas comunidades e mesmo minha avó Olindina aconselhando e pedindo para continuar estudando, mesmo que precisasse voltar para casa, acabei tomando a decisão de trabalhar e trancar o curso. Essa não foi uma decisão fácil, mas foi necessária naquele momento.

A ONG CAATINGA - Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que desenvolve ações para a promoção e o fortalecimento da agricultura familiar, e para a garantia dos direitos da população do Semiárido brasileiro. Sua ação é orientada pela Agroecologia, na perspectiva da convivência com o Semiárido e da Educação Contextualizada e sua missão é semear agroecologia para uma vida digna no semiárido. Sempre admirei o trabalho desenvolvido na região que conheci através da implementação de uma cisterna de placas, de primeira água na casa de minha avó Olindina, no sítio Chapada do Tamboril, onde residia. Todos os processos de formações que acompanham a tecnologia me encantavam e me faziam sonhar em trabalhar naquele espaço. E assim trabalhei lá durante 13 anos. No mesmo período em que entrei no Caatinga, fiz seleção para outro curso no IF, dessa vez agroindústria, no turno da noite. Assim, a jornada continuava estudando e trabalhando.

Mesmo trabalhando e estudando nunca deixei de participar dos movimentos sociais. Iniciando com um grupo de jovens Construindo o Futuro (JCF) na Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP). Estava presente no movimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), ligadas à igreja católica. Nesse período fui eleita a jovem presidente da Associação de Agricultores e Agricultoras da comunidade Chapada do Tamboril onde fiquei por dois mandatos. Iniciei juntamente com jovens das comunidades rurais e urbanas o primeiro Fórum de juventudes da região do Araripe (FJA) inserido no Fórum de Juventudes de Pernambuco (FOJUPE) onde fui coordenadora. Sempre atenta e participando também do Fórum de Mulheres do Araripe (FMA). Atualmente milito no Grupo de Mulheres Juremas da cidade Ouricuri por acreditar que enquanto existe uma mulher sofrendo violências nenhuma de nós estamos livres.

O meu vínculo com o campo sempre estava presente nas atividades desenvolvidas no roçado em período de inverno e com os animais de pequeno porte como os porcos e as galinhas no quintal. Plantar, cuidar e colher era uma parte gostosa porque a minha avó Olindina fazia desse momento o mais lindo. Sempre com muita garra, coragem e a principal felicidade de estar ali naquele ambiente.

Passaram os anos e continuei trabalhando, mas dei uma pausa nos estudos. Sempre tive o sonho de ter uma graduação, tentei pelo SISU, PROUNI e até passei em Psicologia quatro vezes, mas sempre em estados diferentes onde não dava pra largar tudo e ir somente estudar. Ficava sempre muito triste com esses processos e mesmo assim nunca desisti do sonho de continuar a estudar e principalmente me graduar. Surge a primeira seleção do curso de Bacharelado em Agroecologia na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e me inscrevi, mesmo desesperançada por todos os processos anteriores. Um dia uma amiga me mandou mensagem dizendo que eu e ela tínhamos sido aprovadas e precisávamos realizar a matrícula e foi uma surpresa para mim, pois estava selecionada para estudar em uma universidade federal em um curso que tinha a ver com o que eu realizava e gostava.

Fiquei muito feliz e contente, mas já sabia que não poderia deixar o trabalho para poder estudar e mesmo assim busquei conhecer melhor a metodologia de alternância do curso e aí vi uma possibilidade de conciliar, se meus coordenadores/a me liberassem. Foi um momento muito difícil para mim porque passava novamente

todas as cenas na minha cabeça que de novo não ia dar certo e os dias de realizar a matrícula iam chegando enquanto eu ainda buscava coragem para conversar com a coordenação a respeito, até que depois de muitas noites em claro tomei uma decisão: faria a matrícula e pediria demissão, caso não tivesse acordo. Mas para a minha sorte consegui o acordo e pude chegar no curso que eu queria e, melhor ainda, em regime de alternância o que me possibilitou trabalhar e estudar o sonhado Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular - BACEP, e em uma universidade federal. Foi muita felicidade!

Não foi fácil estudar e trabalhar, e principalmente se deslocando quase 700 km por mês, custeando as passagens muito caras e sem apoio nenhum de bolsas e nem de ninguém. Mas como nada foi fácil na minha vida estava eu novamente pronta para o desafio e comecei muitas vezes realizando atividades durante as madrugadas ou durante as atividades do meu trabalho, que tinha tudo a ver com as temáticas estudadas, e foi dando certo. Encontrei dentro da Universidade o melhor quadro de educadores e educadoras e a melhor turma que pudesse imaginar e foi esse conjunto que me fortaleceu a continuar no curso.

No início, para facilitar o processo de trabalhos foram divididos grupos por regiões (Agrestes, Metropolitanas, Mata, Recife e Sertões), e com muita sorte estava eu no grupo dos sertões formado por sete mulheres maravilhosas e brilhantes de uma energia e poder incomparáveis. E foram essas mulheres que me fortaleceram sempre e, principalmente, no período de pandemia, durante as aulas virtuais e nos momentos mais difíceis. Um grupo que uma encorajava as outras, que choravam juntas, riam juntas e que seguiram firmes até o final e isso também foi um pacto nosso desde o início quando havia as desistências da turma, que nós iríamos chegar juntas ao final e que mesmo que ninguém mais chegasse nós estaríamos lá se formando juntas. Durante esses anos de curso eu sempre fui um pouco de tudo, às vezes chata por não aceitar algumas opiniões, amiga para todas as horas, cuidadora e preocupada, não só com meu grupo, mas com toda a turma, até demais. Acredito que algumas vezes a que alegrava a turma falando besteiras que os/as fazia rir e a feminista que rebatia todas as formas de machismo dentro ou fora da turma.

DESENVOLVIMENTO

2.1 Raízes e Resistência: A Jornada Acadêmica e Pessoal de Íris Maria

No ano de 2019, demos início às atividades do curso de Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular, com uma linda apresentação dos participantes, parceiros, discentes e docentes presentes naquele momento.

A partir dali, comecei a compreender a organização do curso e a observar a diversidade de pessoas vindas de diferentes lugares e com histórias de vida inspiradoras, todas reunidas para construir a primeira turma deste curso dentro de uma universidade que tem como defesa principal o agronegócio.

Isso me emocionou bastante, ao perceber que todas as pessoas compartilhavam o mesmo objetivo que eu: construir um mundo melhor e proporcionar uma vida digna para todos. Foi também nesse momento, em meio ao primeiro ano de um governo que não nos representa, que compreendi a magnitude da nossa responsabilidade para com o projeto de vida que era o BACEP.

2.1.1 1º Semestre: Conhecer o Etnoagroecossistema

No Primeiro semestre tivemos como eixo principal “Conhecer o etnoagroecossistema” que englobava as temáticas: Abordagem sistêmica da Vida; agroecologia; Ecossistemas; Relação ciência, construção do conhecimento e natureza; Educação Popular e Cultura; Campesinato, Modos de Vida e Agriculturas; Solos; Movimentos sociais e Questão Agrária.

Durante o primeiro período de curso nos foi dado a incumbência de escolher um agroecossistema, em um território, onde seriam desenvolvidas as práticas advindas dos estudos presenciais e das imersões. Nesse momento comecei a desenvolver as atividades das vivências realidade-campo com a minha família, por ter um sonho que ela começasse a desenvolver práticas que eu sempre defendi na agroecologia.

Comecei a observar que não era bem isso que minha família queria e que preferiam a agricultura convencional, mas pelo menos não usavam mais agrotóxicos. E sem o apoio familiar comecei a desenvolver as atividades das vivências realidade-campo junto às famílias que eu assessorava nas comunidades de atuação da ONG CAATINGA e foi dando certo e contribuindo com as minhas atividades de extensionista.

Querendo algo mais comecei a desenvolver um trabalho com uma amiga de um sítio próximo da minha cidade, onde ela estava iniciando um Sistema Agroflorestal - SAF e foi outra experiência maravilhosa por ser uma pessoa que queria muito o desenvolvimento daquela unidade de vida e trabalho. O sonho ainda continua, pois, todo conhecimento adquirido durante os períodos do curso quero colocar em prática em uma propriedade minha, quando um dia eu puder ter, porque fica um trabalho continuado e promissor.

O curso nos propôs a conhecer e mergulhar em outros territórios, onde podemos conhecer, aprender com experiências maravilhosas de lutas, do protagonismo das mulheres, e na maioria das experiências existia uma diversidade cultural e isso foi de grande valia para a minha formação.

As imersões se davam a cada início de semestre e cada vez para um território diferente em que estivesse discente ou parceiros/as, atuando nos mesmos. Iniciamos pela mata sul abordando as temáticas de conhecer os etnoagroecossistema, e através de um roteiro orientador dados pelos/as docentes conseguia observar todas as temáticas estudadas nesse período.

Foram muitas as experiências que visitamos, entre elas a da comunidade Quilombola do Engenho Siqueira, onde podemos observar que tem uma área de terra de 640 hectares e vivem lá em torno de 600 pessoas e lutam para serem reconhecidos como quilombolas. A identidade e ancestralidade daquele povo faz com que consiga resistir aos conflitos internos e outros que ocorram na região. Observei ainda que a cultura é passada de geração a geração e que mesmo em meio a monocultura elas conseguem viver da pesca e da agricultura familiar e através da assessoria técnica conseguem comercializar seus produtos nas feiras agroecológicas.

Nesse mesmo percurso consegui conhecer como se vive e como é a vida de duas mulheres muito batalhadoras e guerreiras: a dona Josilda residente no assentamento Amaraji na cidade de rio formoso, e de Dona Beth no assentamento Jundiá de Cima, em Tamandaré/PE. Duas mulheres em assentamentos e cidades diferentes que vivem resistindo e em meio ao monocultivo da cana de açúcar com apoio da assessoria técnica do Centro Sabiá e Instituto

Agrônomo de Pernambuco - IPA, vem superando preconceitos, buscando sempre a autonomia para desenvolver suas atividades nos espaços de decisões e na feira agroecológica. Reflorestando e vivendo da agricultura familiar. Como afirma Dona Beth em diálogo com a turma do BACEP *“O meu agroecossistema transformou não só o meu modo de plantar, mas também a minha vida social. O meu sentimento é de liberdade”*. (Beth, 2019)

Conhecemos a Reserva Biológica de Saltinho (REBIO Saltinho) que é uma unidade de conservação federal sob responsabilidade do Núcleo de Gestão Integrada do ICMBio (NGI ICMBio Costa dos Corais), está localizada no município de Tamandaré/PE, protegendo um importante fragmento de Mata Atlântica. Nela há a presença dos mananciais, umas grandes diversidades de plantas e animais e é uma área turística onde recebe pessoas das escolas e universidades para estudos. Existe também um conflito social em torno da preservação desta reserva, pois ainda entram pessoas para caçar na área de reserva mesmo sabendo que está proibido.

Figura 1- Pescadores/as Tamandaré/PE.



Fonte: Arquivo da turma 2019

Ainda trocamos experiências com a Colônia de Pescadores/as (figura 1), onde trouxeram a pesca como renda principal para suas famílias, e mostraram o grande respeito pelo mar e muito orgulho de serem pescadores/as. Eles e elas se organizam na associação e 50 % são mulheres pescadoras. Os desafios relatados são os conflitos que vem tendo depois da construção de SUAPE, a poluição das águas por parte dos turistas, e as mudanças climáticas. Eles e elas colocam que se não preservar o mar e suas margens vai faltar alimento.

Ainda tivemos a oportunidade de imergir nas feiras agroecológicas da região, e tive a oportunidade de aprofundar o meu conhecimento sobre a história de luta da Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco - FETAPE, em visita ao Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais de Rio Formoso, e ainda conhecer as experiência de vida do povo que vivem no Engenho Fervedouro em Jaqueira que sofrem violências praticadas pelas as empresas e pelas milícias armadas para intimidar a sair de suas terras. A experiência do Engenho Conceição em Sirinhaém e a história da Rede Agroecológica da Mata Atlântica (RAMA) que liga todos os movimentos daquela região para fortalecer a luta por uma melhor qualidade de vida de todas e todos.

Desafios encontrados

Durante essa imersão foram os conflitos por terra e água, que ainda leva a morte de muitas pessoas nas comunidades e isso se dar por ser um território em disputa e por ter expressões do campesinato como a população dos assentamentos, e as que são posseiros. A mentalidade da cana de açúcar é outro desafio pois mesmo sendo processo de exploração ainda é onde a maioria das pessoas tem trabalho. A presença das igrejas evangélicas é bem forte no território e com poder de influência grande, principalmente na vida das mulheres que vivem em situação de violências em suas casas; O território não tem muitas expressões culturais e só fortalece esses espaços de poder dentro das comunidades.

Apesar de ser esse um território em disputa, é nítido o que mais me chamou atenção foi protagonismo das mulheres e juventudes em todas as experiências visitadas. São as mulheres que estão na produção, comercialização, na pesca e no beneficiamento dos produtos da agricultura familiar juntamente com os jovens. As pessoas conseguem ter um poder de organização para conseguir resistir aos conflitos e seguem firmes nas lutas pelo mundo mais justo e igualitário para todas as pessoas.

Durante esse semestre também participei do meu primeiro Congresso Brasileiro de Agroecologia na cidade de Aracaju/SE e que já estava na sua XI edição com o lema “Ecologia de Saberes: Ciência, Cultura e Arte na Democratização dos Sistemas Agroalimentares”.

Segundo Paulo Petersen, da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), a opção pelo lema do XI CBA - Congresso Brasileiro de Agroecologia, parte da ideia de que a Agroecologia se constrói a partir da interação entre prática, ciência e movimento e de que as diversas fontes de conhecimento precisam interagir.

Tudo isso foi de fundamental importância para a minha formação enquanto agroécóloga, pois poder observar e aprender sobre agroecologia e suas vertentes em forma de congresso me fez ter certeza de que estava no curso certo. Aquela mistura de conhecimentos científicos e populares e vários povos que me encantam mais ainda pelo jeito de se fazer agroecologia.

"A ecologia é a ciência das interações. Precisamos fazer com que os conhecimentos acadêmicos e populares dialoguem e se alimentem mutuamente, assim como as diferentes disciplinas dentro da academia. Por isso, a importância da ecologia de saberes" (Petersen, 2019).

Atividades que se destacaram no território

As temáticas de Educação Popular e Cultura me trouxeram um ânimo de continuar trabalhando a educação contextualizada no meu território em cinco escolas rurais de atuação do meu trabalho de assessoria técnica. Logo foi possível uma parceria com o IF Sertão campus Ouricuri, através do Professor Andrey, onde a partir desta experiência exitosa e concreta da Escola Pedro Teles, no povoado Passagem de Pedras, no Município de Ouricuri/PE, onde houve um trabalho contextualizado com a realidade da comunidade trazendo a cultura e história daquele povoado e algumas formações com as professoras e gestoras da escola, inserindo assim no plano político pedagógico da mesma a educação contextualizada.

O resultado logo veio através do resultado do IDEB, a Escola Rural Pedro Teles ficando em primeiro lugar e o município a primeira vez nesse pódio. Foi aí que logo em seguida em 2020 veio o interesse por parte do gestor municipal de realizar formações sobre a educação contextualizada com todo quadro de professores/as, gestores/as e assim poder incluir na construção dos planos político pedagógico das escolas a educação contextualizada e trabalhar dessa forma em todo município. Após todo esse processo tivemos muitos ganhos, pois a educação contextualizada está de fato sendo colocada em prática.

Outra ação que foi desencadeada no meu território foi a luta pelo o não fechamento das escolas do campo onde estava acontecendo o processo de nucleação das escolas das comunidades para os povoados e assim deixando as crianças e adolescentes distantes de suas comunidades e famílias. Conseguir incentivar e lutar junto com as comunidades para se articularem e não deixarem fechar e assim onde tinha um conjunto de grupos organizados conseguiram barrar o fechamento das escolas das séries iniciais.

Todos os aprendizados serviram para que eu pudesse enxergar o território do Araripe com outras lentes. Nas atividades desenvolvidas no meu território, consegui conhecer melhor as práticas agroecológicas existentes e passei a visitar as feiras agroecológicas, incentivar as famílias a participarem desse espaço tão rico e também conseguir mapear as experiências que tínhamos como também as atividades culturais do nosso território. E o principal, entender melhor o meu agroecossistema familiar.

2.1.2 2º Semestre: Diagnóstico do Etnoagroecossistema

No segundo semestre tivemos como eixo o Diagnóstico do etnoagroecossistema e as temáticas: Modos de apropriação da natureza e racionalidade camponesa; Economias; Ecologia dos ecossistemas; Meio ambiente, sustentabilidade e subjetividade; Naturezas em Movimento; Educação em Agroecologia; Investigação-ação participativa; Solos; Plantas; Educação, diversidade e relações étnico-racial;

Iniciamos o segundo semestre visitando o Museu do Homem do Nordeste. Na primeira sala, uma sala grande, luxuosa, com objetos e materiais da casa grande, com banheiras, tapetes, jóias, ouros, pinturas e etc. E no decorrer do percurso me deparei com elementos que representavam a cultura nordestina, o maracatu, a capoeira, o frevo e os bois. A religiosidade apresentada a partir do sincretismo entre as divindades afro e os Santos e santas da igreja católica e por fim chegamos na última sala, com roupas de cangaceiro, uma carroça de boi, uma imagem na parede com um homem tangendo o gado de moto. Comecei a observar que aquele espaço não representa nosso sertão e muito menos o nordeste, pois existem muitas contradições começando pelo nome “Homem do Nordeste”, se a maioria da

população do Nordeste e nos territórios são mulheres e elas não estão representadas nem no nome do museu.

As mulheres sustentam essa teia que é o Nordeste a partir da construção e participação nas políticas públicas, na produção e comercialização da maior parte da agricultura familiar e estão sempre em vários espaços de construção. O museu mostra uma imagem que não nos representa.

Logo imergimos na Mata Norte, onde estivemos a tarefa de conhecer e diagnosticar o etnoagroecossistema. Visitamos o sítio Agatha, Malokambo e o Sítio da irmã Miriam. Experiências maravilhosas de muitas resistências em meio a tantos obstáculos. Identifiquei as várias expressões culturais, ancestralidade, artesanatos e novamente as protagonistas sempre as mulheres inseridas nesses espaços.

A zona da Mata Norte evidencia os aspectos culturais, como o maracatu, os artesanatos, e o protagonismo das mulheres no campo. Percebi o como é importante o trabalho das organizações de assessoria a exemplo da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e outras organizações sociais do campo, da agroecologia em movimento, juventudes no desenvolvimento e apoio das famílias daquela região.

O Campesinato me fez entender muito sobre o meu território e o modo de vida da minha família.

No início fiquei triste quando minha família não quis mudar a lógica de plantio, mas depois entendi a partir das aulas sobre campesinato, os diferentes processos que envolvem esse segmento social, em diferentes regiões.

Entendi que desde a invasão em nosso território, muitas mentes foram ocupadas por uma racionalidade econômica, que ainda nega os conhecimentos populares, considerando-os atrasados, que transforma nossos ecossistemas em recursos que devem ser explorados, por isso tantas queimadas, desmatamentos e agrotóxicos são utilizados por camponeses/as, ainda como resultados do pensamento colonial, que também se adapta e se atualiza, pois para o capitalismo é um insulto alguém possuir terra e ter autonomia.

Apesar da minha família ter essa mentalidade de plantar o convencional observei que muita coisa já vem se modificando, se atualizando e se transformando mesmo aos poucos e foi daí que entendi que isso é construção do conhecimento camponês e que reflete em todo o processo desde a seleção das plantas e suas necessidades, da biodiversidade encontrada nos roçados, nos quintais, a partir das plantas alimentícias e das plantas medicinais, da relação do saber, do aprender e

reproduzir com as necessidades da vida, do respeito aos tempos da sementeira, do cuidado, da colheita e do preparo.

Eu me lembro bem do amor que minha avó Olindina (In memoriam) tinha ao cuidar do solo, em plantar, colher, selecionar, beneficiar e guardar a produção. E aí comecei entender que minha família já fazia uma agricultura tradicional, que muito contribui para as práticas agroecológicas, de forma diferente do que eu queria, mas trazendo fundamentos para o que hoje denominamos de agroecologia.

Essa agricultura tradicional recebeu e recebe muitas denominações ao longo da historiografia do campesinato no Brasil. Seja denominada de agricultura camponesa, agricultura de subsistência ou pequena agricultura, ela representa produção de alimentos e modo de vida, que ganha diferentes expressões em cada canto do país. Na perspectiva aqui adotada, é importante insistir, em primeiro lugar, que a agricultura camponesa não se identifica simplesmente a uma agricultura de subsistência, entendida esta como uma outra forma particular da agricultura familiar. Há situações em que, por razões históricas e sociais diferentes, agricultores podem organizar sua produção, visando a sobrevivência imediata, sem vincular suas estratégias produtivas ao projeto do futuro da família. A constituição do patrimônio perde aqui sua força estruturadora. No sentido clássico do termo, estes agricultores não seriam propriamente camponeses”. Para Hugues Lamarche,

“conforme os objetivos a que se propõem os agricultores, para si mesmos e para suas famílias, e conforme, também, os contextos socioeconômicos locais e o respectivo nível de desenvolvimento, deve-se distinguir as unidades de produção camponesas de outras consideradas de subsistência. Se a função de subsistência está bem presente no modelo camponês, ele não se reduz jamais a isto; há neste modelo, profundamente arraigada, uma vontade de conservação e de crescimento do patrimônio familiar. (LAMARCHE. 1993. p 270).

Reconhecendo essas diferentes expressões das agriculturas tradicionais, consegui compreender que a agrobiodiversidade é a característica mais importante para a sobrevivência e para a recuperação do que já foi perdido. Afinal, os agricultores e as agricultoras têm a capacidade de se adaptar tanto à adversidade como à oportunidade, e os processos de aprendizagem e experimentação são constantemente renovados.

Nesse período começamos a desenhar os mapas do nosso território, município, comunidade e agroecossistema e me fez conhecer melhor a situação do território do Araripe e nas minhas pesquisas observei que apesar de sermos considerados um território polo gesseiro é a agricultura que prevalece nesse território seja convencional, em transição ou agroecológica e que dá mais renda às famílias desse território. Nesse sentido corrobora com a afirmação das autoras abaixo, ao afirmarem que

“A agricultura familiar é hoje responsável por mais de 70% dos estabelecimentos agrícolas no Brasil. (KAGEYAMA. BERGAMASCO, 1989). Tendo que se adaptar às exigências da agricultura moderna, esta forma de agricultura guarda ainda muito dos seus traços camponeses, tanto porque ainda tem que “enfrentar” os velhos problemas, nunca resolvidos, como porque, fragilizada, nas condições da modernização brasileira, continua a contar, na maioria dos casos, com suas próprias forças”. (WANDERLEY, 1995, p:36).

Vivenciando esses aprendizados eis que chega a pandemia que pegou todo mundo de surpresa e exige uma nova adaptação que se inicia dentro do nosso curso, aprendendo várias ferramentas para poder assistir aulas online e então veio o desafio de realizar as imersões também online o que foi bem puxado e foram realizadas nos territórios dos sertões e agrestes, e mesmo com as dificuldades conseguimos vencer mais esse obstáculo ocorrido durante a trajetória do curso.

Essas experiências me fizeram conhecer e aprender muito sobre os territórios e suas especificidades e assim me aprofundar no meu território. A partir das visitas consegui enxergar as potencialidades e desafios do meu território do Araripe. Os subsistemas e agroecossistemas da minha família e assim consegui fazer várias análises para poder intervir. Observei a integração dos animais com os vegetais, e apliquei o que aprendi de ferramentas durante as minhas visitas de assessoria.

2.1.3 3º Semestre: Planejamento no Etnoagroecossistema

O Terceiro semestre o eixo articulador das temáticas foi: “Planejar e agir na transformação do etnoagroecossistema”. E como temáticas abordadas tivemos: Agrobiodiversidade; Leitura e análise da sustentabilidade de agroecossistemas; Sistemas Agroalimentares; Convivência com o semiárido; Economia Solidária; Planejamento participativo em campo; Cultura Corporal e Campesinato; Processos grupais e subjetivos em contextos rurais; Sistemas de Produção da Agricultura Familiar; e criação de Animais.

Mesmo em meio a pandemia continuamos no modo remoto com muitas dificuldades para se adaptar e com muito medo de pegar a doença ou perder pessoas, mas continuamos firmes e com o cuidado com todas as pessoas envolvidas. Foi o momento de tensão e vontade de desistir de tudo, mas a força e energia enviadas, mesmo que pelas telinhas dos celulares e computadores, nos fizeram se fortalecer cada vez mais e seguir a caminhada.

Então começamos a articular virtualmente a nossa imersão nos sertões e apesar de ter sido desafiador foi muito gostoso conseguir mostrar o nosso território que tanto já tínhamos contado aos/às colegas e educadores/as.

A população rural do sertão vivencia diversos tipos de agricultura que vai desde a convencional até outros tipos que têm a convivência e adaptação ao clima semiárido como orientador na produção. Os saberes populares acerca das chuvas, por exemplo, marcam a fé que o povo do território tem nos sinais que a natureza apresenta, alimentando assim a esperança de bons dias.

E assim mergulhamos nas experiências pelos sertões conhecendo as experiências agroecológicas dos Sertão Crateús, Sertão do São Francisco, Sertão do Pajeú e do Sertão do Araripe que trazem em seus sistemas produtivos, a agricultura de base ecológica, com característica forte pela relação e práticas e respeito ao solo que manejam, as técnicas e práticas de convivência com o semiárido. Com o principal objetivo de segurança alimentar e o excedente para a geração de renda, buscando sempre o bem viver local. Essas experiências também trazem em comum a Assessoria Técnica de Extensão Rural a partir de Organizações Não Governamentais,

diferenciada, e sensíveis às questões das famílias camponesas, nas questões que dizem respeito às mulheres, às juventudes, à convivência com o semiárido.

Após um ano realizando atividades de diagnóstico da realidade em que estamos inseridas, nesse período aprofundei o conhecimento sobre as ferramentas que possibilitam elaborar um planejamento participativo, a partir da identificação das características sociais, culturais, ambientais, econômicas e políticas do território. E aí tivemos a oportunidade de aprofundar os estudos dos subsistemas, como roçado e o quintal produtivo e através deles pude analisar e refletir como as temáticas Planejamento Participativo, Agrobiodiversidade, Economia Solidária, Trabalho e Cuidado, eram vivenciadas por minha família e pelas as famílias que eu assessorava no território.

Pensando em tudo o que aprendi sobre as diferentes maneiras e contextos de se fazer um planejamento e o que caracteriza o Planejamento Participativo, posso afirmar que não tem como realizar um planejamento sem a participação da família de forma bem dinâmica e com os cuidados necessários. E como educadora poder ajudar no processo e nunca impor nada. Por isso penso o planejamento participativo como essa possibilidade de integração com a vida das pessoas, onde suas dores, desejos, necessidades e sonhos são indispensáveis para que haja concretamente uma intervenção na realidade e que esta seja transformadora.

Durante as visitas aos Sertões percebi o quanto é diferente a dinâmica de produção criada pelas pessoas do Semiárido a partir da relação com o ambiente, a Caatinga, as plantas, animais, as sementes, com o clima, com os solos, para a produção de alimentos. E o quanto os sistemas de produção conhecidos são organizados de várias formas, no roçado, na capineira, nas hortas, nos suportes forrageiros, no banco de proteínas, na mandala, no viveiro de mudas, na agrofloresta e nos quintais produtivos. E com todo esse aprendizado fui sempre aprimorando e adaptando e colocando em prática durante as minhas atividades de assessoria técnica para com as famílias das comunidades rurais do território do Araripe e transformando aos poucos os subsistemas da minha família.

2.1.4 4º Semestre: Planejamento e Ação no Etnoagroecossistema

Nesse quarto semestre, ainda virtualmente, conseguimos estudar o eixo de Planejamento e Ação no Etnoagroecossistema. As temáticas abordadas foram produção vegetal e animal; Redesenho de Etnoagroecossistemas; Metodologias de construção do conhecimento camponês; Economia Solidária; Feminismo; Expressões culturais do campesinato; Alimentação e sociedade; Educação do campo. O que não foi fácil, estávamos todas e todos cansadas/os do virtual, com problemas de internet, difícil de acesso aos aparelhos, mas com o cuidado de todos/as para com os outros/as conseguimos iniciar os estudos.

Aqui comecei a entender melhor como se dava o redesenho dos agroecossistemas e que inclusive poderia se dar com a interação dos animais com os vegetais e que cada família tem uma dinâmica e expressividades diferentes de criação, dentro dos subsistemas.

No meu território as famílias têm como forte a criação de bovinos, caprinos e ovinos e a sua criação é em primeiro lugar para alimentação da família e o excedente comercializam, doam ou trocam na própria comunidade. Uma coisa que me chamou bastante a atenção foi a formulação da ração balanceada para os animais aproveitando os insumos presentes na região e foi uma das coisas que trabalhei bastante com as famílias que assessorava fazendo com que houvesse uma diminuição de gastos com rações compradas na cidade.

Nesse mesmo eixo consegui realizar uma pesquisa sobre os movimentos sociais e organizações do território que contribuem com a agroecologia e por mais que eu já soubesse que o território do Araripe tem um nível de organização social me surpreendi com grupos, fóruns, ONG's e redes que se mobilizam para que tenhamos o nosso território onde se viva bem. E apesar da conjuntura que o Brasil estava vivendo naquele ano, os movimentos ainda estavam resistindo e cada vez mais articulando para continuar nas lutas por direitos e em defesa dos territórios.

Durante esse semestre consegui aprender como usar algumas ferramentas e colocar em prática durante as atividades desenvolvidas no meu território. A FOFA para identificar quais são as fraquezas, oportunidades, fortalezas e as ameaças. A

árvore dos problemas onde conseguimos identificar nos subsistemas qual o problema principal, a causa e os efeitos e o relógio para medir a divisão das tarefas.

A nossa imersão pelos agrestes paraibano e pernambucano de 14 a 26 de março de 2022, foi uma riqueza pois nos proporcionou visitar mesmo que no virtual, experiências que nos mostra bem claro o empoderamento das mulheres, o quanto as feiras agroecológicas tem aumentado a renda das famílias e o quanto é importante produzir orgânicos e assim ter e levar alimentos de boa qualidade para a mesa da família e das outras pessoas que compram os produtos.

O Agreste rico de cultura, de poesias, de territórios indígenas e um agreste que nos inspira com as experiências de guardiã de sementes através dos bancos comunitários e de lutas para uma vida melhor para todos e todas.

Os agrestes trazem uma dimensão de experiências e diversidades protagonizadas por muitos sujeitos e principalmente por mulheres. As experiências de agroecologia com sementes crioulas, produção e comercialização dos alimentos, as lutas e resistências e ocupações nos espaços de discussão de políticas públicas, a exemplo dos povos indígenas, nos fortalecem cada vez mais na caminhada. Como reforça a agricultora Lita ao afirmar que a “Agroecologia é quem nos conduz para uma vida melhor ”¹

2.1.5 5° Semestre: Atuação no Etnoagroecossistema

O quinto semestre me fez refletir sobre a atuação no Etnoagroecossistema, a partir dos estudos das temáticas: Manejo de etnoagroecossistemas; Segurança e soberania alimentar; Processamento e conservação da produção familiar; Processos participativos de melhoramento genético de plantas e animais; Educação e Direitos Humanos; Extensão Rural Agroecológica.

Durante a imersão pelos agrestes, agora presencialmente, foi possível enxergar conhecimentos, através das sementes, dos quintais produtivos, das atividades desenvolvidas na escola, na construção do SAF e no saber popular de cada povo visitado. Ao retornar para as atividades no território pude perceber mais ainda o

¹ Extrato de Entrevista realizada com Dona Lita, em junho de 2022.

quanto esses conhecimentos são específicos de cada região e de cada povo. Da forma de plantar, de selecionar as sementes entre outros. São costumes e culturas belíssimas e bem diversas. São conhecimentos que trazem forte o afeto, a fé e a saúde.

No decorrer desses cinco semestres aprendi que não é possível fazer agroecologia fora da realidade dos territórios. E que é preciso partir do conhecer para descobrir, do diagnosticar para compreender, do planejar para o agir e do agir para transformar.

A partir de todo processo, conversas e planejamentos com a família que ia nos receber conseguimos implantar um SAF forrageiro, na propriedade de Ana e Raul no Vale do Catimbau – Buíque/PE. Ana e Raul são discentes no BACEP e nos receberam no momento da imersão em seu Sítio (figura 2 e 3) que denominaram de Alcobaça, onde vivem. Apesar de já ter experiências com SAFs no meu território, consegui somar muito aprendizado, trabalhar em conjunto com discentes e docentes, e, com todos os cuidados que tivemos de construir junto a família que estava nos recebendo

Foi de fundamental importância e me fez entender cada vez mais o meu papel enquanto educadora e agroecóloga no meu território.

Figura 2. Implantação de Sistema Agroflorestal



Fonte: Iris Maria 2022

“Os Sistemas Agroflorestais (SAF) são formas de uso e ocupação da terra baseadas nos princípios da agroecologia, e que unem, no mesmo espaço, o cultivo

de árvores e produtos agrícolas. Mais do que uma técnica, a agrofloresta é uma proposta de cuidado ambiental e humano, e que faz um contraponto direto ao modelo predatório do agronegócio e sua monocultura de exportação”. (Quilombo Invisível, 2024.)

Os Sistemas Agroflorestais são estratégias evolutivas da vida na busca pela abundância.

Figura 3. SAF implantado pelo BACEP.



Fonte: Jaislânia Araújo 2022.

Como afirmou o Professor Marcos Figueiredo, durante um de nossos momentos de aprendizado “os camponeses têm uma inteligência, construída a partir de um acervo cultural, não há agricultura mais inteligente que a da natureza”. Tal afirmação ressalta a sabedoria ancestral das/os camponesas/es, cuja inteligência é uma fusão harmoniosa entre o conhecimento cultural e a observação da natureza. Essas/es agricultoras/es, ao longo de gerações, desenvolveram uma compreensão profunda dos ciclos naturais, das interações entre os elementos do meio ambiente e das melhores práticas agrícolas. Essa forma de agricultura tradicional, baseada na harmonia com os processos naturais, demonstra que a verdadeira inteligência agrícola reside na capacidade de aprender com a natureza e trabalhar em sincronia com ela.

Para nosso curso, é imprescindível o agir consciente, fincado na realidade dos territórios, que são espaços vivos onde os processos são dinâmicos e complexos. Atuar em meio a complexidade que pulsa no território, exige de certa maneira um balançar constante entre ser aprendiz e educadora. Pois, segundo o Agricultor Agroflorestal Vilmar Lermen, “Agrofloresta não tem receita, tem princípios”².

Nesse momento eu juntamente com meu grupo dos sertões, todas mulheres, começamos a refletir e se perguntar: Como podemos agir para transformar os Sertões a partir da Educação Popular? Como agir para fortalecer o campesinato sertanejo?

E olhando para nossos territórios descobrimos que já estamos transformando, seja através de práticas, como vou descrever abaixo, como em ações, como agroecólogas nas nossas bases.

Nesse fazer, uma das práticas foi a realização da marcação em curvas de nível. Realizar o plantio em curva de nível é uma prática de manejo e conservação de solo, e vem de muito tempo. Ela ajuda a diminuir a velocidade das águas impedindo o fenômeno da erosão e evitando o assoreamento dos córregos e riachos. Antigamente se usava mais as mangueiras de nível para realizar a marcação das curvas de nível e hoje algumas pessoas ainda usam.

Ao participar de um curso com o saudoso Geraldo Barreto conhecemos outro equipamento que facilita muito o trabalho, principalmente em áreas de terra maiores. O aparelho é composto por um nivelador de alvo, onde se usa o nível, o alvo de mira, e o clinômetro, que mede a declividade da terra para definir a distância entre as curvas.

Esse aparelho é utilizado para fazer a nivelada básica das curvas de níveis (figura 4) em terras com declividade e para fazer a nivelada das barragens de base zero (BBZ). A BBZ é uma prática que as famílias estão adotando e implantando em suas áreas. Para se aprofundar nesse tema, há o livro “Caminhos para a agricultura sustentável”. De Geraldo Barreto, publicado em 2015.

² Extrato de entrevista com Vilmar Lermen, realizada em julho de 2022, na Agrodóia/Exú-PE.

Figura 4. Marcação de curva de nível



Fonte: Arquivo ONG Caatinga, 2023.

Barragem de Base Zero

Durante o eixo da ação no etnoagroecossistema, construí junto às famílias tecnologias sociais, como a BBZ. Elas são barragens de pedra, que se configuram como tecnologias sociais de pequeno porte, desenvolvidas no marco do desenvolvimento tecnológico da convivência com o semiárido nordestino. Os barramentos sucessivos nos pequenos leitos dos rios, proporcionam um diferencial no armazenamento das águas pluviais. Diminui a velocidade das chuvas de enxurradas, fazendo com que as águas percorrem o subsolo, recuperando as nascentes e matas ciliares.

A BBZ (figura 5) é mais uma das tecnologias de boa aceitação na região do Araripe, por seu baixo custo e por utilizar apenas as pedras e a mão de obra para sua construção. Nas atividades que realizamos conseguimos realizar mutirões com as famílias assessoradas pela a ONG CAATINGA. As barragens também estão sendo construídas dentro dos riachos com o objetivo de recuperar e absorver água por mais tempo tendo em vista que temos um período longo de seca no sertão.

Figura 5. Barragem de Base Zero concluída.



Fonte: Iris Maria 2023.

2.1.6 6° Semestre: Atuação e Sistematização no Etnoagroecossistema

Tivemos como eixo do sexto semestre Atuação e Sistematização no Etnoagroecossistema e como temáticas o Manejo de etnoagroecossistemas; Usos múltiplos da floresta; Gestão da água nos territórios camponeses; Sistematização de experiências; Gestão de resíduos; Libras.

Imergimos dessa vez nos Sertões do Araripe e Pajeú presencialmente, dos dias quatro a nove de fevereiro de 2023, e foi de muitos aprendizados.

Foi um semestre onde consegui aprender muito e também levar muitas experiências do sertão para dentro da Universidade, pois a temática de gestão de água e de resíduos é bem diversa de região para região e assim pude mostrar as dificuldades, as conquistas que temos no meu território, do Sertão do Araripe, interagir com a turma e com os/as docentes.

Vivemos no semiárido, a seca é um fenômeno natural e que por aqui aprendemos a conviver e se adaptar aos períodos de estiagem, buscando alternativas como práticas de cobertura do solo, plantio consorciado e o reaproveitamento de todas as águas. As tecnologias hídras também foram de grande valia para a nossa região, como: as cisternas de primeira água construídas pelo Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), ou ainda a de segunda água para produção, do Programa Uma Terra e Duas águas (P1+2). Hoje a maioria das famílias foram contempladas com essas tecnologias além dos bioáguas, que são estruturas para reaproveitamento das

águas cinzas³. Temos também problemas com os resíduos da região, pois os lixões são a céu aberto causando doenças às pessoas e ao solo. Essa situação é bem complicada na região do Araripe. Na zona rural, a maioria das famílias queima o lixo e não tem saneamento.

Conhecemos durante a imersão as experiências do Sertão do Araripe e uma das famílias visitadas foi a de Lena e Barrinho. Uma família formada por 4 homens e uma mulher e que vive da agricultura familiar produzindo, beneficiando e comercializando os alimentos na comunidade e nas feiras agroecológicas. A criação de animais também é outra fonte de renda para a família.

Essa família também participou de um estudo realizado pelo CAATINGA utilizando o método LUME. A partir da aplicação do LUME, que é um método de análise econômico-ecológica de agroecossistemas, a família apresentou os dados de sua produção (animal e vegetal), bem como outros dados econômicos e sociais, e a partir das análises compartilhadas a família passou a se conhecer melhor, saber qual de seus subsistemas estavam tendo mais resultados, onde colocar mais trabalho e observar quem estava sobrecarregado dentro do etnoagroecossistema. Esse método Lume faz muitas transformações onde é aplicado e inclusive acredito que poderia ser mais utilizado, com mais famílias e também em grupos.

A potencialidade do Lume está em ser um método de produção coletiva de conhecimentos através do levantamento e processamento de informações e dados que permitam a análise econômico-ecológica de agroecossistemas de modo a dar visibilidade às relações econômicas, ecológicas e políticas que singularizam os modos de produção e de vida da agricultura familiar e têm sido historicamente ocultadas ou descaracterizadas pela teoria econômica convencional. Para revelar dimensões da vida social e do trabalho ocultadas pela teoria econômica hegemônica, o método dialoga com teorias críticas da Economia Ecológica, da Economia Política e da Economia Feminista.

³ Águas cinzas: São chamadas de águas cinzas as águas residuais das edificações que já foram utilizadas em chuveiros, lavatórios de banheiro, tanques e máquinas de lavar roupa. As águas da pia da cozinha em algumas literaturas são chamadas de águas cinza escura, pois contém mais gordura, e as da bacia sanitária são classificadas como águas negras.

Conseguimos ver na prática o quanto as tecnologias de convivência com o semiárido fortalecem e fazem as famílias desenvolverem suas atividades em seus agroecossistemas.

A outra família visitada foi na cidade de Exu/PE, a da Silvanete e Vilmar Lermen. Nessa unidade de vida conseguimos colocar a mão na massa dentro da agrofloresta existente ali. Foi muito bom aprender como manejar aquele espaço e saber o papel de cada planta inserida dentro das áreas. Foi nos dado também aula de como enxertar as plantas, uma prática que os/as agricultores/as têm muito interesse e nesse momento também tivemos a presença do senhor Francisco (Seu Nego), um grande guardião de sementes de Exú/PE, que nos auxiliou na produção de mudas, trocas e doações de sementes. Um momento muito rico e proveitoso.

Todas as temáticas me chamaram atenção, mas estudar Libras nesse semestre foi de fundamental importância, pois consegui aprender e entender melhor como vivem as pessoas que precisam usar essa língua. Me deixou pensativa e querendo conhecer cada vez mais sobre a Língua Brasileira de Sinais.

Foram aulas muito ricas e me fizeram refletir muito quando retornei ao meu território, pois consegui mapear onde estavam aquelas pessoas com essas necessidades, buscar se existia e onde estavam os/as profissionais qualificados/as nessa área e daí comecei a questionar o porque não tinha tradutoras/es de LIBRAS nos espaços onde aconteciam shows, palestras entre outras atividades para atendê-las, se os espaços de eventos e palestras estavam sendo organizados para ter tradutores/as e enfim comecei a questionar porque que não tinha, e aos eventos e formações públicas.

Eu, junto com o Grupo de Mulheres Jurema, sempre escrevemos projetos e a partir daí também começamos a refletir dentro do grupo que precisamos garantir recursos dentro dos projetos para garantir a tradução em LIBRAS, que significa garantir acessibilidade para todas/os/es. Foram aulas transformadoras para a minha vida.

A agroecologia dialoga com tecnologias ancestrais, preservadas por mulheres e homens, para cuidar das comunidades e do meio ambiente, pois seu princípio fundamental é a compreensão do cuidado para se viver bem, a partir do equilíbrio dos

pilares cultural, econômico, sócio-político e ambiental. Assim, podemos concluir, de acordo com uma afirmação do Professor José Nunes, em uma de nossas atividades de aprendizagem, que a “A Agroecologia é, sobretudo, uma ciência com gente”.⁴

2.1.7 7º Semestre: Avaliação e Sistematização no Etnoagroecossistema

Neste sétimo período do curso de Agroecologia, Campesinato e Educação Popular tivemos como eixo “Avaliação e sistematização no Etnoagroecossistema” guiando o estudo das temáticas: Aplicação de metodologias de avaliação e análise da sustentabilidade; Sistematização de experiências. Nossa imersão foi dessa vez na região de Recife e sua região metropolitana, onde foi muito importante conhecer as experiências de agroecologia na cidade.

Imergir nessa região foi um momento em que consegui ter um olhar ampliado das experiências de agroecologia na cidade e também formular muitas perguntas e dúvidas na minha cabeça.

Conseguimos visitar algumas experiências a partir do trabalho desenvolvido pelo Coletivo Kapi'wara, juntamente com o Instituto Shopping Recife e com a escola da comunidade do Entra Apulso. Dentre as principais atividades se destaca o uso dos resíduos na produção de sabão e detergente, compostagem e hortas educativas na escola. Trata-se de um trabalho muito bonito e que vem fazendo transformações na vida das famílias da comunidade.

A experiência na Ilha de Deus, foi para mim muito marcante, pois observar aquelas famílias sendo engolidas pelo suposto “desenvolvimento”, e, em contraponto, sentir a força das famílias que resistem e que continuam a viver ali sobrevivendo da pesca, me deixou muito pensativa. A reflexão sobre o camponês caranguejo, estimulada pelo Professor Jorge Tavares, também me fez refletir sobre os nossos estudos sobre “meu eu camponesa”.

O Alto José do Pinho me trouxe reflexões sobre o papel da assessoria técnica nos espaços e para as famílias. Até onde a assessoria técnica é boa ou ruim para Seu público assessorado? Agricultura urbana ou práticas de agroecologia no urbano? São

⁴ Afirmação do Professor José Nunes durante aula proferida durante o sétimo período, em 2023.

alguns questionamentos que preciso aprofundar e entender melhor durante a minha trajetória.

A experiência de Paulista, com a família de Benoni Codácio, nosso colega de turma, me trouxe um outro olhar e me fez refletir que pode existir sim agroecologia no urbano, mas que precisa ter espaço para plantio e produção. Pois a família consegue trabalhar e produzir seu alimento na área de terra que tem, mesmo em meio urbano.

Todas essas experiências visitadas durante as imersões só vêm reafirmar o que sempre trago nas minhas falas que sem reforma agrária, e quem sabe reforma urbana, não conseguiremos ter a agroecologia que desejamos. E que essa luta tem que continuar e ela é de todas/os/es, une campo e cidade com o objetivo de comer melhor e viver bem, com justiça social e climática.

Olhando para o meu território e para meu próprio agroecossistema vejo o quanto de terra temos e nem usamos toda para plantio, enquanto as comunidades que visitamos, no Recife e sua região metropolitana não tem onde plantar e vivem em meio a grandes prédios. É revoltante e triste ver as pessoas querendo produzir seu próprio alimento e não ter onde.

Nesse período também chegou o momento do Estágio Supervisionado Obrigatório – ESO, onde eu poderia escolher experiências que pudessem contribuir com o aprofundamento de meus aprendizados, para vivenciá-las por 120 horas.

Procurando experiências que pudesse somar com a minha vida e com o que desejo atuar ao finalizar o curso escolhi conhecer e vivenciar experiências na Escola Família Agrícola Dom Fragoso – EFA (figura 6), localizada no Município de Independência, na comunidade rural Santa Cruz, no Ceará. Tal experiência me permitiria conhecer a escola, suas unidades produtivas e o funcionamento de uma EFA já que no estado de Pernambuco não temos nenhuma experiência como essa.

O principal objetivo da EFA Dom Fragoso é promover uma formação contextualizada e integral de jovens agricultores/as camponeses/as, buscando desenvolver o protagonismo juvenil e tecnologias apropriadas para a convivência com o semiárido do território Inhamuns/Crateús, na perspectiva do bem viver no sertão cearense.

Essa vivência nesse ESO I, foi de fundamental importância para aprimorar os meus conhecimentos e aprender a gostar mais e entender melhor a educação realizada a partir da pedagogia da alternância, aplicada à Educação do Campo e à Educação contextualizada para o Semiárido, e, reafirmar, cada vez mais, o quanto essa educação é transformadora e ensina pessoas para a vida. Voltei com uma carga de pensamento e muitas perguntas de como melhorar e apoiar esses espaços tão significativos e transformadores de vidas?

Observei que a quantidade de jovens meninas (figura 7) ainda é mínima e que isso se dá ainda pelo preconceito e machismo impregnado nas comunidades. O que fazer para quebrar com esses paradigmas e poder trazer mais meninas para dentro desse espaço considerado ainda de homens, por ter muitas atividades de agricultura?

Figura 6. EFA DOM Fragoso



Fonte: Iris Maria 2023

Apesar dessas questões que me deixaram reflexiva, o encontro com a EFA me trouxe alegria, no encontro do aprender e ensinar, pois como afirma Paulo Freire (1996) a “alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

2.1.8 8º Semestre: Sistematização no Etnoagroecossistema

Enfim chegamos ao oitavo semestre e ainda com o eixo “Sistematização no Etnoagroecossistema” e guiados pelos Seminários de reflexão dos Projetos Interdisciplinares de Construção do Conhecimento; da Sistematização de experiências; e os Diálogos sobre Agroecologia, seguimos a trilha das aprendizagens.

Nossa sonhada imersão no sertão do São Francisco/PE e Sertão de Crateús Inhamuns/CE chegou. Aconteceu entre os dias 5 e 12 de outubro de 2023 e iniciou com o mergulho no sagrado Rio São Francisco na cidade de Santa Maria da Boa Vista. Conhecendo a cultura do reisado formado por senhoras e senhores e também por crianças da comunidade que já estão seguindo a tradição, o reisado de Inhanhum é considerado patrimônio vivo do estado de Pernambuco, da comunidade de mesmo nome.

Aproveitamos essa passagem pela comunidade para conhecer de perto a história de uma das sertanejas que vem construindo essa história linda e contribuindo muito com a agroecologia, a nossa companheira de curso Caroline Alves, mulher, negra, quilombola, mãe e estudante e que todos os meses se desloca deixando seu filho com seus pais para realizar o sonho de graduação e de sua família. Foram lindos e emocionantes esses momentos.

Logo após seguimos para conhecer os Sertões de Crateús-Inhamuns/CE, onde moram mais três sertanejas maravilhosas que se deslocam também todos os meses, por 24 horas para chegarem para essa linda construção que é o Bacharelado em Agroecologia. As três meninas que vieram da comunidade Santa Luzia, são egressas Da EFA Dom Fragoso, Jaislânia Araújo, Soraya Araújo e Ana Sabrina Araújo. Conhecemos de início a trajetória e das lutas daquela região a partir da envolvente explanação histórica do Padre Maurício e outras lideranças das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que nos receberam em uma paróquia em Tauá/CE. Essa linda história vem sendo seguida pelas juventudes daquela região. Depois seguimos para a comunidade Santa Luzia/Independência-CE, onde nos deparamos com um povo acolhedor, uma cultura maravilhosa e o reisado dessa vez dançado somente por homens, uma tradição que vem passando de geração em geração. Conhecer a história daquela comunidade foi de fundamental importância na volta para o meu território. Em seguida, toda a turma foi conhecer a tão falada Escola Família Agrícola Dom Fragoso. Eu e a Caroline Alves já conhecíamos a escola por ter vivenciado o primeiro estágio, e por isso, para nós foi momento de reencontros.

Vivenciar e estudar melhor a EFA foi de grandes aprendizados, conseguimos sistematizar a história da escola e também realizar um estudo para saber se os subsistemas que funcionam na escola eram sustentáveis para escola e usamos o

Método Lume⁵ (já anteriormente citado) para realizar essa verificação. Esse estudo foi realizado junto com os/as educadores/as e os/as estudantes do segundo e terceiro ano, presentes naquela vivência.

O que me chamou mais atenção é a força de vontade e o quanto os/as educadores/as e educandos/as se esforçam para que o projeto de uma educação contextualizada venha a continuar transformando vidas naquele território, pois a EFA forma seus/suas educandos/as para a vida.

Em todas as experiências visitadas durante os oito períodos de curso, o que mais destaque é a força das mulheres em seus territórios e o quanto estão ocupando os espaços sejam de produção, comercialização, de discussão política, de cuidados sejam, nas igrejas e etc. Mas vejo também o quanto isso ainda não é visibilizado pelas comunidades e muitas vezes até pelas assessorias que estão atuando nesses territórios/espços.

3. MULHERES

Diante de todas as temáticas estudadas no curso, bem como, de minhas experiências nos movimentos de mulheres e no meu trabalho de assessoria técnica às famílias e grupos de mulheres das comunidades rurais vivenciadas no meu território do Sertão do Araripe/PE, identifiquei dois temas centrais para aprofundamento dentro da temática “Mulheres na agroecologia” a saber: Mulheres e as diferentes formas de manejo de agroecossistemas e Mulheres e os espaços de comercialização.

3.1– Mulheres e agroecologia

Nós mulheres, por muito tempo, fomos vistas como analfabetas, por não termos acesso à educação formal. Nesse período tivemos acesso unicamente aos espaços de educação informal, e este conhecimento produzido neste espaço sempre foi

⁵ Método Lume : O Lume é um Método de Análise Econômico-Ecológica de Agroecossistemas que foi desenvolvido pela AS-PTA com a finalidade de dar visibilidade a relações econômicas, ecológicas e políticas que singularizam os modos de produção e de vida da agricultura familiar, povos tradicionais e que tem sido historicamente ocultadas ou descaracterizadas pela a teoria econômica convencional.

invisibilizado. Essa realidade resulta de não terem nos permitido a oportunidade de escolha, sempre escolheram por nós, sobre o nosso jeito de ser, de nos expressar, nossas habilidades e capacidades, sobre o lugar que deveríamos ocupar no mundo.

Na atual realidade, o desafio contínuo é permanecer no ensino formal. Apesar de ser um direito garantido na lei, na prática outros fatores nos afasta desse espaço. Nossa luta é pela garantia de acesso ao ensino formal, sem deixar de ser quem somos, sem perder nossos passos militantes, seguindo atuantes no agroecossistema familiar e nos nossos territórios. O BACEP vem possibilitando esse acesso e isso é muito gratificante.

No percurso do curso consegui reafirmar o quanto as mulheres são chaves importantes em todos os processos da agroecologia, desde a organização e participação nos espaços de controle social, político, na produção, beneficiamento e comercialização ou dentro dos espaços de educação em Agroecologia. São as mulheres que movem esse mundo e através dessas ações são capazes de fazer a transformação, de ir acabando ou diminuindo a violência de todas as formas. Pois elas conseguem se empoderar e se tornar independentes financeiramente e assim se libertam e libertam as outras, de qualquer tipo de opressão ou violência.

A organização das mulheres em grupos ou fóruns é outra forma de resistência nas cidades e nos territórios, nas áreas rurais e urbanas, pois conseguem se fortalecer e fortalecer as outras companheiras no processo. Através do autocuidado, do compartilhamento de experiências vividas e até na organização para comercialização.

A optativa sobre “Mulheres e agroecologia” durante o trajeto do curso foi de fundamental importância. Mesmo com o tempo reduzido consegui conhecer e pesquisar mais sobre mulheres que lutaram e lutam por um mundo melhor e justo para todas. Após essa optativa consegui, cada vez, atuar fortalecendo os movimentos feministas do meu território como o FMA e o grupo de mulheres JUREMA. E todos os grupos das comunidades rurais que eram de atuação de assessoria do meu trabalho.

Essa minha escolha de atuação se fortalece por acreditar que a consciência crítica e a vontade política das mulheres se fortalecem nos encontros, na continuidade do processo organizativo e na partilha das narrativas, provocando fissuras e impulsionando uma fala pública capaz de enfrentar obstáculos. Por encontrarem

acolhida entre sua própria categoria e exercitarem a autodefinição, atravessam novos nascimentos, como afirma Jucá

“Foi ali que eu aprendi e clareei a minha vista. Até aquele momento eu era cega. Algumas coisas eu tinha de mim mesmo, mas muitas coisas eu aprendi no Movimento, a ver onde eu devia estar, de que eu devia participar – e que nem marido nem pai nem família nenhuma impede quando a gente quer e quando a gente reconhece nossos direitos de mulher (JUCÁ, 2019)⁶.

3.2 – Mulheres e as diferentes formas de manejo

No território dos Sertões é forte a presença feminina que, a partir da vivência e trabalho desenvolvido nos quintais, constroem conhecimento, produzem alimentos para consumo da família, trocam, fazem doações e fazem a economia camponesa circular, na comunidade, nas feiras e outros espaços, construídos a partir de organizações e instituições que fortalecem, reconhecem e constroem coletivamente os saberes populares na agroecologia. Esse é o enfrentamento cotidiano das mulheres camponesas à economia capitalista.

Nas cozinhas produzem alimentos e arte para alimentar o corpo, como ressalta Faustino (2022)

Aqui é muito importante destacar o papel das mulheres camponesas cozinheiras nas práticas da conservação da produção familiar. As técnicas na preparação e conservação do alimento estão ligadas diretamente à vida e sabedoria das mulheres. Elas são responsáveis em transformar os grãos, as frutas, os alimentos in natura, as raízes, em alimentos para nutrir a família e gerar renda”. (FAUSTINO, 2022).

Para a mesma autora:

No ato de se alimentar através das plantas, natureza e cultura se integram. Os alimentos não são apenas alimentos para saciar a fome, são condicionantes culturais e sociais. Trazem as dimensões cognitivas, culturais e afetivas, expressos pelos hábitos alimentares das comidas típicas, pela cultura, pela música, pelas danças, pela mística e religiosidade, pelos artefatos, artesanatos, pelo jeito de produzir, colher e cuidar das plantas, e pelos conhecimentos desenvolvidos, e aprendidos a partir da experimentação, observação e interpretação dos ciclos da natureza. (FAUSTINO, 2022).

Nesse tecer a vida, a partir da influência direta que exercem sobre o comer, que alimenta o corpo e as almas, as mulheres se envolvem em diferentes formas de manejar a natureza, seus etnoagroecossistemas, diversos subsistemas. Aqui me

⁶ Depoimento coletado em entrevista com agricultora.

debruçarei sobre o fazer de mulheres nos SAFs, no desenvolvimento e implantação de tecnologias sociais e na guarda, cuidadosa, de sementes crioulas.

a) SAF

Os sistemas agroflorestais mas conhecidos como SAFs, começaram a serem visibilizados e potencializados a pouco tempo, mas essa prática já vem de nossos ancestrais e sempre contando com os cuidados das mulheres, pois lembro da minha avó Olindina (in memoriam), relatando que no tempo de seus avós já se plantava misturado ou consorciado, como chamamos hoje. Dizia que o plantio era bem melhor quando se juntava as linhas de feijão, milho, guandu, batata, macaxeira, mamona e algodão, tudo junto. Se formos perguntar para as outras mulheres elas irão confirmar que além do monturo ou quintal produtivo, onde existiam algumas fruteiras e suas plantas medicinais, existia também aquele pedaço de roça onde as mulheres tomavam de conta, próximo da casa.

Esses estudos atuais sobre os SAFs só reafirmaram para aquelas que já vinham realizando esse plantio consorciado, que tais experiências contribuem para melhorar as formas de trabalho e aprendizados, para as que ainda não conheciam essa forma de plantio. E isso tudo vem a ser uma junção de saberes tradicionais, com o movimento da agrofloresta, hoje. Um modo que imita a floresta onde as plantas se organizam e cuidam umas das outras e o trabalho será só manejar, o que vem facilitar os trabalhos das mulheres, buscando mais produção, diversidade e autonomia financeira para as mesmas.

O SAF é uma forma de produção onde as mulheres conseguem está presentes em todo processo de produção e conseguem também planejar o que produzir e se organizar para comercializar esses produtos seja in natura ou beneficiados. Isso tudo faz com que elas tenham autonomia. Isso consegue fortalecer o movimento de trocas e doações dentro de seus grupos ou comunidades.

Normalmente as agroflorestas são nomeadas com os nomes dos homens da família e muito raramente intituladas com os nomes das mulheres, e aqui no Sertão do Araripe não é diferente. Todas as vezes que se vê mencionar as agroflorestas se coloca em nomes dos companheiros, sendo que o trabalho desenvolvido nesses

espaços são, a maioria, das companheiras. E o que estamos buscando é visibilizar esse trabalho que por décadas vem sendo negado.

O agrofloresteiro Namastê, em entrevista, ressaltou que:

Agrofloresta é uma agricultura que segue os princípios da vida, a vida sempre trabalha do simples ao complexo. E esse é um caminho, essa sucessão sistêmica. Existe uma sucessão, como a grama cria a carqueja, a carqueja vai criar o alecrim, alecrim cria embaúba, que cria o angico, que cria ambientes que vai ter jatobá, jequitibá, que vai ter abundância. Então, todos os seres do planeta caminham por esse caminho e esse é um caminho que a gente vê que acontece em todos os lugares do mundo”. (MESSERSCHMIDT, 2023).

Para ele ainda

Em cada região, ele (SAF) vai se expressar da sua maneira, com suas espécies, mas o caminho ele é sempre o mesmo: do simples ao complexo. Então esse é um dos princípios da agrofloresta, uma agricultura que gera mais vida, a agricultura que a gente faz hoje hegemonicamente no mundo, ela não faz isso, ela faz perder solo e ela faz perder fertilidade. Então a agrofloresta, ela faz isso, a gente consegue produzir muito alimento e como resultado dessa ação, a gente gera fertilidade, a gente gera vida no lugar, a gente gera solo, nesse caminho rumo à abundância. (MESSERSCHMIDT, 2023).

Semear é ação! A Semente existe porque existe também a/o Semeadora/or. As sementes se relacionam com a ancestralidade! Passado e Futuro materializado no presente! Ser Mentas nos Territórios. Isso é um papel fundamental que as mulheres vêm desempenhando na construção dos SAFs, conseqüentemente, da agroecologia.

b) Tecnologias Sociais

A região do sertão sempre foi palco de longas secas. E nesse período as mulheres eram as mais atingidas da história. Essa situação se repetia pois eram elas que buscavam alimentos e água para suas casas, a maioria das vezes com latas d'água na cabeça. Foi nesse período também que surge o termo de “viúvas da seca”, que eram aquelas mulheres deixadas para trás por seus companheiros, junto com seus/suas filhos/as ainda pequenos/as, pois eles saíam do semiárido em busca de trabalhos nas capitais. Essas mulheres para sobreviverem, muitas vezes, chegavam a roubar água para trazer para suas casas e para conseguir renda se alistava nas frentes de emergências, já que muitos de seus companheiros não retornavam mais e mesmo os que voltavam não conseguiam sustentar suas famílias.

Trago esse relato para contextualizar e reafirmar o quanto a chegada das tecnologias hídras melhorou a vida dessas mulheres. Essas tecnologias hídras/sociais para a convivência com o semiárido tem sido umas das alternativas e estratégias para as mulheres e famílias no sertão. Hoje com as cisternas de primeira água, construídas através dos programas governamentais do governo federal, como o Um Milhão de Cisternas (P1MC), gerenciado pela AP1MC/ASA, as mulheres conseguem ter água na porta de suas casas, evitando assim o deslocamento para buscar em lugares distantes e melhorando a qualidade de vida delas e de suas famílias. As famílias que foram contempladas com a segunda água, que é a cisterna destinada à produção conseguem iniciar seus quintais produtivos possibilitando que se tenham uma alimentação de boa qualidade para as mulheres e suas famílias.

Além dessas tecnologias que cito acima foram chegando muitas outras na região do sertão para apoiar as famílias agricultoras como o Reuso de Águas Cinzas (RAC), que reutiliza as águas utilizadas em pias e banheiros (banhos); ou ainda os biodigestores que geram o gás através do esterco dos animais; e os fogões agroecológicos, entre outras tecnologias, além da ATER voltada para as mulheres.

Hoje a vida dessas mulheres está em outro patamar, mas sabemos que ainda existem muitas que não foram contempladas. Ampliando o acesso seria possível atender as que não foram beneficiadas, alterando o cenário e promovendo melhorias na vida dessas mulheres. Durante as visitas de ATER que realizava no meu território do sertão do Araripe pude presenciar muitos relatos de melhoria de vida e escutar lindos depoimentos do quanto tudo isso impacta positivamente em suas vidas e de sua família.

c) Sementes Crioulas

O cultivo e armazenamento de sementes crioulas é uma prática comum das famílias agricultoras e principalmente das mulheres. Todo esse processo é feito para o plantio no ano seguinte. Esse tipo de prática já vem promovendo uma seleção de sementes resgatada de muitos anos, por seus ancestrais e são adaptadas às condições do ambiente em que vivem.

O território do Araripe, em 2015, foi beneficiado com 30 casas/bancos de sementes Comunitárias, através do programa sementes do semiárido da ASA

(Articulação do Semiárido), com o objetivo de resgatar as sementes crioulas e apoiar as iniciativas já existentes. Foram beneficiados os municípios de Ouricuri, Bodocó, Granito, Exu, Moreilândia, Ipubi, Araripina, Santa Cruz, Santa Filomena e Parnamirim.

Cada espaço recebeu os equipamentos necessários para um banco de sementes entre eles: tambores para armazenar as sementes, balança de precisão. Dezenove dos 30 foram, receberam a construção da própria casa para abrigar as sementes. O projeto beneficiou mais de 600 famílias na região. Durante as minhas visitas de Assessoria técnica consegui acompanhar alguns bancos e é perceptível que nas comunidades, onde a gestão é feita pelas mulheres, ainda funcionam. Os demais estão desativados.

A minha avó Olindina (in memoriam), foi sempre um exemplo dessas mulheres que trazia consigo esse cuidado, zelo e amor pelas sementes. Com uma sabedoria repassada de suas ancestrais ela sempre nos ensinou como selecionar as melhores sementes para poder plantar no inverno seguinte. Sempre me ensinou como realizar a seleção do milho, escolhendo as espigas maiores e pegando somente as sementes que ficava no meio da espiga, as sementes do feijão que fosse melhor para comer, o que era tardão ou demorava mais para produzir, o que produzia mais rápido e assim também fui me apaixonando por cuidar das sementes. A forma de armazenamento era outra coisa que ela sempre fazia questão de nos ensinar.

A uns tempos atrás guardava em tubos de zinco e lacrava com cera de abelha e só abria no ano seguinte no período de plantio. Depois ela observou que seria melhor guardar nas garrafas pets, logo após realizar uma boa higienização. Era uma forma de reciclar também as garrafas e não deixá-las no meio ambiente. Era muito lindo o jeito que ela secava as sementes de abóbora, jerimum, melancia, mamão entre outras, colocava em um prato e colocava para secar em cima do telhado e no período certo plantava.

Como ela, outras mulheres da região também se preocupavam e cuidavam e cuidam até hoje das sementes para que elas sejam levadas de geração em geração.

3.3 –Mulheres e Comercialização

O protagonismo feminino é muito forte em todas as experiências agroecológicas. As mulheres estão ocupando os espaços de elaboração, monitoramento e gestão de políticas públicas, na comercialização dos produtos, dentro dos agroecossistemas, nas casas de sementes, na coordenação de instituições e movimentos.

As feiras têm criado espaços de comercialização direta, sensibilizando as/os feirantes e as/os consumidoras/es sobre a importância do consumo de alimentos agroecológicos e a valorização do comércio local. O acesso às feiras tem garantido uma importante fonte de renda, autonomia e protagonismo assumido muito forte pelas mulheres.

Com o acesso à assessoria técnica de base agroecológica, e o acesso a novos espaços de produção de conhecimentos, as agricultoras vêm articulando os saberes locais e populares, observando a natureza e trazendo novas práticas e olhares sobre a produção e o agroecossistema.

Monteiro (2019) traz um depoimento que destaca a importância da mobilização e participação das mulheres na comercialização. O depoimento afirma:

“Sempre que eu tinha que ir pra uma reunião, me dava uma dor de barriga só de nervoso. Eu não tenho vergonha de dizer que na época não conhecia dinheiro. Não sabia o valor de nada, não sabia contar. Foi participando do Movimento que eu comecei a me desenvolver, fazer contas. E eu não tinha ideia nenhuma, não falava de tão nervosa, com medo de errar, de não saber falar. E eu vi que não era assim. Mesmo que eu falasse errado, as companheiras iam me apoiar e me respeitar “. (MONTEIRO, 2019).

Muitas mulheres, com o envolvimento na arena das políticas públicas implantadas, como por exemplo o Bolsa Família, elas aprenderam a comprar, e com a capacitação e a transformação da produção, aprenderam a vender, sejam em feiras ou mesmo nas vendas institucionais, para PAA e PNAE, dentre outras.

Um dado importante e preocupante de se observar é que mesmo com todo o processo de autonomia e renda nas feiras agroecológicas, não podemos fantasiar que esses espaços de comercialização sejam o ideal. Precisamos ter um olhar de cuidado, pois em entrevista a oito mulheres que fazem parte da feira agroecológica de Ouricuri,

realizada nas quintas – feiras a noite, com as seguintes perguntas: Como se dar o processo até a chegada na feira? Como é a produção e se elas têm apoio para realizar essa produção, colheita, higienização e armazenamento dos produtos? E se a feira ajuda no aumento da renda? Observamos nos relatos que para elas saírem de casa, para a feira, precisam realizar todas as atividades domésticas e preparar a produção que levam, e, muitas vezes não têm apoio de seus companheiros ou familiares para nenhum desses serviços.

O resultado dessa pesquisa me fez refletir bastante sobre o quanto esse processo pode ser doloroso e aumentar a sobrecarga de trabalho, dessas mulheres. A maioria delas me responderam que chegam na feira muito cansadas e sem ânimo, para comercializar seus produtos. E a pergunta que me deixou é: Até que ponto participar desses espaços é bom e bonito? O que fazer para mudar essa situação?

A divisão justa dos trabalhos domésticos ainda é assunto a ser debatido e levado a todas as famílias.

Existe uma campanha pela divisão justa do trabalho doméstico (figura 8) encabeçada pela a instituição inglesa Actionaid, com parceria com outras instituições como a Articulação Nacional de Agroecologia – ANA e Associação Brasileira de Agroecologia – ABA, onde mostra como as mulheres estão sobrecarregadas. A campanha mostra também que os afazeres da casa e de cuidado com as pessoas devem ser de responsabilidade de todos que habitam nela e que a luta por justiça começa dentro das casas, com o compartilhamento dos trabalhos domésticos. E só a partir dessa divisão, que iremos construir um mundo justo para todas as mulheres.

Figura 7. Cartaz da campanha pela a Divisão Justa dos trabalhos domésticos.



Fonte: Arquivo Actionaid.

Nos termos de Monteiro (2019)

O projeto de sociedade defendido pelas feministas rurais consegue dar conta de questões concretas, como as pautas de acesso à terra, à água, aos serviços básicos de educação e saúde, à produção saudável de alimentos, bem como do cultivo de sonhos, da imaginação como expressão de rebeldia, impulso vital que faz o mundo girar. Contar a esperança é criá-la. Assim, imaginação e movimento se unem para produzir sentidos, pois os nossos territórios são físicos e existenciais, e uma realidade não nega a outra (Monteiro, 2019).

3.4 – Relação mulheres e Agroecologia com os ESO I e II

Durante o meu estágio obrigatório ESO I, na EFA consegui observar um fator preocupante para o mundo feminino acadêmico e para a escola. A quantidade de meninas no espaço de educação técnica do 2º grau era muito pequena. De três turmas, apenas 10 meninas estavam naquele espaço e questionando o porquê descobri que é o machismo e patriarcado que ainda predomina fortemente naquela região do sertão de Crateús no Ceará.

As famílias não querem mandar as meninas, por preconceito com o curso, que suas práticas são nos subsistemas de criação de animais, roçados e hortaliças. E para a maioria das famílias isso não é trabalho de mulheres e ainda tem o agravante que o curso é em alternância, onde as jovens precisam ficar 15 dias na escola e 15 dias em

suas casas e meninas ficarem fora de casa por todo esse período é inadmissível para algumas famílias. As meninas que estão na escola relataram que conseguiram ter uma educação diferenciada e muitas são filhas de egressos/as da escola e por isso estão lá e gostam muito da forma de ensino da escola e que irão incentivar outras meninas a virem estudar na escola.

Infelizmente ainda quando falamos de produção agrícola se ver mais a figura masculina, como sexo forte e que pode tudo e a mulher ainda é considerada o sexo frágil da história. No entanto sabemos que esse pensamento é equivocado porque hoje as mulheres estão presentes e têm contribuído muito na agricultura familiar e agroecologia.

Segundo Silva e Schneider (2010), a agricultura familiar brasileira é responsável por quase 77,0% dos postos de trabalho na agropecuária, e, no entanto, ainda é pouco conhecida a parcela desta proporção que se refere à contribuição das mulheres nas unidades familiares. Além disso, ante ao acelerado processo de migração causado por diversos fatores e que atinge os/as jovens rurais em geral, mas de modo especial as moças, a questão da persistência do caráter familiar destas propriedades emerge como um tema central a ser debatido no desenvolvimento rural brasileiro” (SILVA; SCHNEIDER, 2010).

No meu segundo ESO tive a honra de conhecer de perto, na cidade de Viçosa/MG, a instituição que construiu um instrumento maravilhoso para as mulheres, o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA- ZM) com a experiência das cadernetas agroecológicas construída pela equipe do Programa Mulheres e Agroecologia que continua firme e forte dentro da instituição.

Através de diálogos estabelecidos com esse programa consegui aprofundar meus conhecimentos sobre o instrumento e seus usos. Digo aprofundar porque já tinha trabalhado com as cadernetas no meu território com mulheres das comunidades rurais e já sabia o poder que esse instrumento causava na vida delas. As cadernetas ajudam a confirmar e mensurar a produção das mulheres, visibilizando os resultados econômicos na renda monetária e não monetária.

Elas são um instrumento que vem para dar visibilidade ao trabalho das mulheres em seus quintais produtivos, que antes não eram valorizados. E foi de

grande valia escutar relatos de outra região e saber que de fato as cadernetas vêm transformando vidas femininas por onde passa. Nos termos de Beth Cardoso, então coordenadora do Programa Mulheres e Agroecologia (CTA-ZM).

“Nossa proposta inicial era que as mulheres tomassem consciência do valor da produção delas, principalmente da produção do quintal, pois ele é um espaço que sempre foi visto como de socialização, mas nunca foi visto como espaço de produção e como objeto de políticas públicas (...)“Até então, no máximo uma delas conseguia anotar aquilo que vendia, mas nunca o que consumia, doava, trocava, que são relações muito comuns na agricultura familiar e camponesa porque principalmente entre as mulheres existe uma solidariedade entre as vizinhas”, (CTA-ZM, 2018, p:03)

Em pesquisa sobre o uso da Caderneta Agroecológica um dos resultados destacados foi a mobilização de recursos financeiros, através da venda dos produtos das mulheres, que é muito expressiva em todas as regiões. Uma descoberta importante é que essa mobilização financeira acontece nas vendas de porta em porta, em suas próprias casas, ou no acesso a mercados (quer seja às feiras, que exercem um papel muito importante na economia das mulheres, como também nos mercados institucionais).

Nesse sentido, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) foram políticas públicas importantes para as mulheres comercializarem seus produtos. Um outro resultado da pesquisa é que a contribuição das mulheres não é apenas monetária, existe toda uma questão não monetária, que é o que fica mais invisibilizado na grande maioria das situações. Os quintais são fundamentais na alimentação da família, ou seja, para o autoconsumo. Além disso, o trabalho das mulheres permite que outras famílias tenham acesso à alimentação através das doações que elas fazem.

“Seja doado para instituições, como igrejas, ou para a vizinhança, ou como no caso das agricultoras urbanas que fazem doação para famílias que não tem acesso a alimentos, devido a situação de vulnerabilidade nas cidades. E isso é só uma síntese dos resultados da Caderneta Agroecológica”. (CTA-ZM, 2018, p:13).

CONCLUSÃO

Não poderia concluir esse memorial sem trazer as alegrias vividas e também os desafios enfrentados para chegar até aqui. Foram muitos os desafios enfrentados durante esse percurso, entre eles, o principal, o financeiro. Por mais que estivesse em uma universidade federal, tive que custear o meu deslocamento e alimentação durante o período que estava em aula, não tive apoio financeiro da minha família, porque não tinham condição, e como tinha vínculo empregatício não conseguia acessar nenhuma bolsa da universidade.

O desafio de conciliar trabalho e estudo foi outro bem grande que enfrentei, perdi as contas de quantas vezes virei madrugadas estudando para poder dar conta das duas coisas. Mas nenhum desses desafios me fez desistir e deixar de realizar o meu tão sonhado desejo de ter uma graduação. Durante a trajetória já no sétimo período tive a maior perda da minha vida, o reencarnante do meu alicerce, da pessoa que mais incentivou a estudar nesse mundo, minha Mainha – Avó Olindina (in memoriam), que me desestruturou total, mas não desisti nem por mim e nem por ela, que queria tanto me vê formando.

Mas em meio às dificuldades o que me sustentou para eu chegar até aqui, foi o amor e o cuidado transmitido pela minha maravilhosa turma, em especial as sertanejas (figura 9 e 10) que acompanharam cada dificuldade e conquista de pertinho. E dos/as queridos/as professores/as que com paciência e profissionalismo e muito amor envolvido, cuidava de todos e todas. A família BACEP foi meu sustento até aqui.

As alegrias começaram no dia que conheci cada um/a no primeiro dia de aula. É muita alegria poder construir a primeira turma do BACEP na UFRPE. De uma mulher negra, filha e neta de agricultores/as, do sertão, a primeira mulher da família a se formar e ocupar uma vaga na universidade; alegria de minha avó (in memoriam) ter presenciado a minha entrada na universidade, mesmo que não em presença carnal mas espiritualmente, com certeza estará em minha formatura.

Os aprendizados adquiridos durante o curso levarei para a vida, pois fomos todos e todas formadas/os para atuar como agroecólogos/as que vamos atuar junto às famílias respeitando suas origens, seus modos de ser e agir em seus agroecossistemas. Serei agroecóloga que vai escutar as famílias, respeitar seus ideais e construir as metodologias juntos/as e jamais impor nada a elas pois estarei lá para apoiar e não para dizer o que tem que fazer. Serei a profissional que vai ter um

olhar voltado para as juventudes, mulheres e a população LGBTQIA+ que é quem mais sofre no meio em que trabalhamos. Lutarei para que não haja exclusão de ninguém, buscando sempre um mundo digno de viver para todas/os/es.

Tenho a clareza que a agroecologia se fundamenta em tecnologias ancestrais, cultivadas por mulheres e homens, para cuidar das comunidades e do meio ambiente. E é essa a minha missão, cheia de muito amor por tudo que faço, com profissionalismo humanizado que levo no meu “matulão” enquanto agroecóloga daqui para frente.

Iniciei o curso trabalhando na área de assessoria agroecológica e finalizo desempregada, mas com a certeza que o trabalho desenvolvido durante o período de treze anos junto às famílias, grupos de mulheres e crianças na região do Sertão do Araripe foi com muito amor e dando o meu melhor para todas as pessoas e o que almejo no futuro, agora formalmente como agroecóloga, é continuar trabalhando na área, de preferência no meu território, mas se não for possível estou pronta para voar onde os bons ventos me levarem, pois agroecologia é o que sempre irei defender por acreditar que a transformação do mundo só se dará por ela. Quero viver e praticar agroecologia.

Outro objetivo que tenho para o futuro é ter um sítio meu, para conseguir colocar em prática os meus experimentos, para depois compartilhar com as outras famílias. Pois ser experimentadora é essencial para poder trocar conhecimentos, afirmando que vai dar certo.

Irei continuar estudando porque acredito também que o estudo nunca termina e ainda esse ano de 2024, quero prestar o mestrado nessa mesma área ou áreas afins com foco no meu território, pois o curso me fez olhar o meu território com um olhar mais aguçado. Tenho um sonho que ainda está em meus planos que é o curso de Psicologia, mas com o objetivo de atender as famílias da zona rural que são muito necessitadas desses serviços, que não são, ou são pouco ofertados pelos municípios.

O meu desejo é permanecer na terra, pois é na terra que me sinto bem, é a vida no campo junto aos animais e as plantas que me fazem bem. Mas para viver no campo preciso de políticas públicas de fácil acesso, de tecnologias de convivência com o semiárido, de sementes, das árvores, de terra, de coragem e ousadia.

Para viver e construir agroecologia precisamos ser sementes por onde passamos em cada chão sertanejo, em cada pedacinho dos agrestes, das matas sul e norte, na metropolitana e Recife e em todos os lugares no campo e na cidade.

Figura 8. Momento de preparação da culminância do semestre.



Fonte: Arquivo pessoal de Tatiane Faustino.

Figura 9. Momento de fortalecimento das sertanejas.



Fonte: Arquivo pessoal de Tatiane Faustino.

“Eu sou semente
Você é semente
Nós juntas e juntos somos sementes
Nós não somos só mentes
Nós juntos somos sementes
Que sejamos as sementes que voam com o vento atrás de uma terra para
nascer
Que sejamos uma semente danadinha que afrouxa a terra que alimenta o
corpo e promove a saúde
Uma semente que luta pela permanência na terra sem agrotóxico, com
educação e saúde no campo, sem violências contra os povos dos campos
Sem violação para mulheres e homens
Sem violência para as comunidades Quilombolas
Sem violência para os povos indígenas
Sem violência para os povos de acampamento e assentamento
Sem violência para os LGBTQIA+ do campo e da cidade
Que sejamos Sementes Crioulas que alimenta, que sejamos sementes
Crioulas nas universidades, nas comunidades rurais, nos assentamentos, nas
comunidades Quilombolas e indígenas, nos nossos territórios sagrados.
Sejamos sementes onde quer que estejamos
Que sejamos sementes livres como as crianças que brincam na terra
Sem medo
Com alegria e coragem
Que as sementes e as mentes sejam democráticas e livres”.

(Faustino, Tatiane. 2023).

REFERÊNCIAS

ACTION AID. Por uma divisão justa do trabalho doméstico. <https://actionaid.org.br/noticia/por-uma-divisao-justa-do-trabalho-domestico/> acessado em 2024.

ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO (ASA). A mobilização social na Chapada do Araripe. <https://www.asabrasil.org.br/98-imprensa/asa-na-midia/9330-a-mobilizacao-social-na-chapada-do-araripe> acessado em 2024.

BRASIL DE FATO. Fazer agrofloresta é uma necessidade. <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/19/namaste-messerschmidt-fazer-agrofloresta-e-uma-necessidade> acessado em 2024.

CTA-ZM (CENTRO DE TECNOLOGIAS ALTERNATIVAS – ZONA DA MATA). Cadernetas agroecológicas. <https://ctazm.org.br/bibliotecas/cartilha-cadernetas-agroecologicas-267.pdf>, 2018, acessado em 2024.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. LUME: método de análise econômico ecológica de agroecossistemas. <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/lume-metodo-de-analise-economico-ecologica-de-agroecossistemas> acessado em 2024.

FAUSTINO, Tatiane. Trabalho didáticos do curso. UFRPE, 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAMARCHE, Hugues. **A agricultura familiar**. Campinas (SP): EDUNICAMP, 1993.

MONTEIRO, Gabriela. A coragem de ser trabalhadora rural nordestina: narrativas de mulheres teimosamente viventes. *Revista Feminismos*. Vol.7, N.3, Setembro – Dezembro, 2019.

QUILOMBO INVISÍVEL. A produção agroflorestal de alimentos. <https://quilomboinvisible.com/2023/03/07/a-producao-agroflorestal-de-alimentos-entrevista-com-namaste-messerschmidt/> acessado em 2024.

SILVA, C. B.; SCHNEIDER, S. Gênero, trabalho rural e pluratividade. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (org.). Gênero e geração em contextos rurais. Florianópolis: Mulheres, 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção**. Digitado, 1995.

ANEXO A – Cordel “Minha História”

Íris Maria da Silva
 Estudante lutadora
 Mulher negra, militante
 Humilde, batalhadora
 Filha do meio rural
 No momento atual
 Me sinto uma vencedora

De família agricultura
 É a minha descendência
 Isso me orgulha muito
 Afirmo com consciência
 Meus pais se divorciaram
 Os meus avós me criaram
 Com sua benevolência

Por toda minha existência
 Morei na zona rural
 Ouvindo a voz do Vaqueiro
 Fazendo seu ritual
 Vi luzes de pirlampos
 Iluminando os campos
 Com seu brilho natural

A vida educacional
 Começou com singeleza
 Nem ALFA, NEM PRÉ ,NEM CRECHE
 Tinha em nossa redondeza
 A grande motivação
 Foi aprender a lição
 Vinda da mãe Natureza

Para mim foi uma beleza
 Seguir esse itinerário
 Vivendo um mundo real
 Sem nada de imaginário
 Numa escola singela
 Que eu achava a mais bela
 Conclui o meu primário

Hoje seria precário
 Mas na época era normal
 Salas multisseriadas
 Todos aprendendo igual
 A professora sofria
 Mas a gente aprendia

Foi um tempo especial

Ali naquele local
Eu fui alfabetizada
Pela professora Meire
Uma mulher dedicada
Com muita dedicação
Nos dava sempre atenção
Nunca vi tão delicada

Com essa fase passada
Um problema surge, então
Pois o fundamental dois
Não tinha na região
Com muita dificuldade
Tive que ir pra cidade
Com fé e empolgação

Aí foi uma provação
Empecilhos encontrei
Além do deslocamento
Outras angústias passei
Foi outra realidade
Pois a vida na cidade
Muito estranho eu achei

Seis a pé quilômetro andei
Para o carro pegar
Pau de arara sem conforto
O transporte do lugar
Seis quilômetros bem cedinho
A tarde o mesmo caminho
Na hora de regressar

Nem gosto de me lembrar
De algumas coisas terríveis
Os preconceitos sofridos
Por pessoas insensíveis
Apelidos e maus tratos
De alguns “colegas” ingratos
Foram as coisas mais horríveis

Mas essas coisas terríveis
Não tiraram o meu brilho
Segui firme no caminho
Nunca perdi o meu trilho
Com garra me dediquei
E assim eu superei
Desrespeitos e empecilho

Outro grande empecilho
Pra mim foi o financeiro
Se queria comprar lanche

Me faltava o dinheiro
O jeito era aceitar
A merenda escolar
E seguir o meu roteiro

Mas isso foi passageiro
E nem tudo ali foi mal
Fiz na escola São Vicente
Meu ensino fundamental
Tempo de aprendizagem
Que levarei na bagagem
De maneira natural

Depois do fundamental
O ensino médio veio
Já mais bem adaptada
Mas não faltava aperreio
Começou dificultar
Tive então que trabalhar
Pois não tinha outro meio

Quando o trabalho veio
Eu tive então que mudar
Para o período noturno
Pra de dia trabalhar
Foram muitas decisões
Barreiras e provas
Que enfrentei para estudar

Tive que me dedicar
De forma absoluta
Trabalhar e estudar
Me fez ser mais resoluta
E também compreender
Aquele antigo dizer
Não há vitória sem luta

Assim segui na labuta
Seguindo a minha linha
Cheguei morar de favor
Na casa de uma tia minha
Mas por determinação
Eu tomei a decisão
Passei a morar sozinha

Aluguei uma casinha
Em um bairro da cidade
Pois morando de favores
Nunca temos liberdade
Era uma casa bem singela
Sem ter móveis dentro dela
Nem luxo nem vaidade

Depois a nossa cidade
Ganhou o IF Sertão
Comecei então sonhar
Com muita empolgação
E dessa forma eu seria
A primeira de família
Obter graduação

Fiz logo a seleção
E no IF ingressei
Curso de agropecuária
Como eu sempre sonhei
Mas veio outra provação
No quarto período então
O meu curso eu parei

O Trabalho que sonhei
Acabava de chegar
Quando na ONG CAATINGA
Comecei a trabalhar
Mudei um pouco meus planos
Se passaram treze anos
E eu sempre a lutar

Para poder estudar
Para a noite eu mudei
No curso de agro indústria
Nessa época eu adentrei
Nesses tempos cruciais
Movimentos sociais
Eu também incorporei

Momentos especiais
Para minha existência
Vivendo em comunidade
Ganhei muita experiência
Com muita empolgação
Duma associação
Eu cheguei a presidência

Foi uma ótima experiência
Nessa associação
Chapada do Tamboril
Era a localização
Trabalho e muito amor
Junto a cada morador
Dessa nossa Região

Nessa mesma ocasião
Com garra e atitude
Junto aos jovens do Araripe
Vários grupos de virtude
Lutamos em união

Na primeira edição
Do Fórum da juventude

Lutar pra mim é virtude
Outras lutas incorporei
Junto ao grupo de mulheres
Onde sempre militei
Por direitos sociais
Igualdade e outro mais
Isso eu sempre busquei

Por algo que eu sonhei
Continuava lutando
De várias formas tentei
E Continuei buscando
Mas faltava a emoção
Sonhada graduação
Ainda estava faltando

Um jeito eu fui procurando
Mas não vi alternativa
Tentei SISU e PROUNI
De forma intuitiva
E eu conseguir passar
Porém não pude cursar
Mas nada me desmotiva

Tem algo que me motiva
É a fé que tenho em Deus
Como diz uma citação
Ele não despreza os seus
Deus é minha inspiração
É a realização
De todos os sonhos meus

Surge então graças a Deus
A primeira seleção
Da UNIVERSIDADE RURAL
Para a graduação
Curso de Agroecologia
Era tudo que eu queria
Fiz logo minha inscrição

Depois tive informação
Pois uma amiga falou
Com bastante alegria
Ela me comunicou
Que a gente tinha passado
Tava tudo preparado
Algo forte me tocou

Depois que tudo passou
Deus me deu esse prazer

Na melhor instituição
O melhor curso fazer
Com colegas lutadores
Melhores educadores
Deus também quis me trazer

Por fim quero lhes dizer
Que foi desafiador
Estudar na Capital
Vindo do interior
Mas quem tem objetivo
Sempre acha um motivo
Para ser um vencedor

Hoje falo com amor
Com carinho e emoção
Obrigado aos amigos
Tenho muita gratidão
Digo com sinceridade
A minha felicidade
Não cabe no coração

Pra chegar a conclusão
Desse curso almejado
Aprendi muitas lições
Foi um belo aprendizado
Não foi fácil essa história
Mas consegui a vitória
É um sonho realizado

ANEXO B- Trecho da música “Faminta” de Flaira Ferro

Não nasci para ter sonho pequeno
Sou vanguarda na era do pós
Tenho a força do meu pensamento
E carrego a mudança que sou porta-voz

Eu vou cantar por mim
Por minha mãe
Por minha avó
Por minha bisa

As coisas que elas um dia
Calaram
Sofreram
Lutaram
E morreram
Pra que hoje eu esteja viva